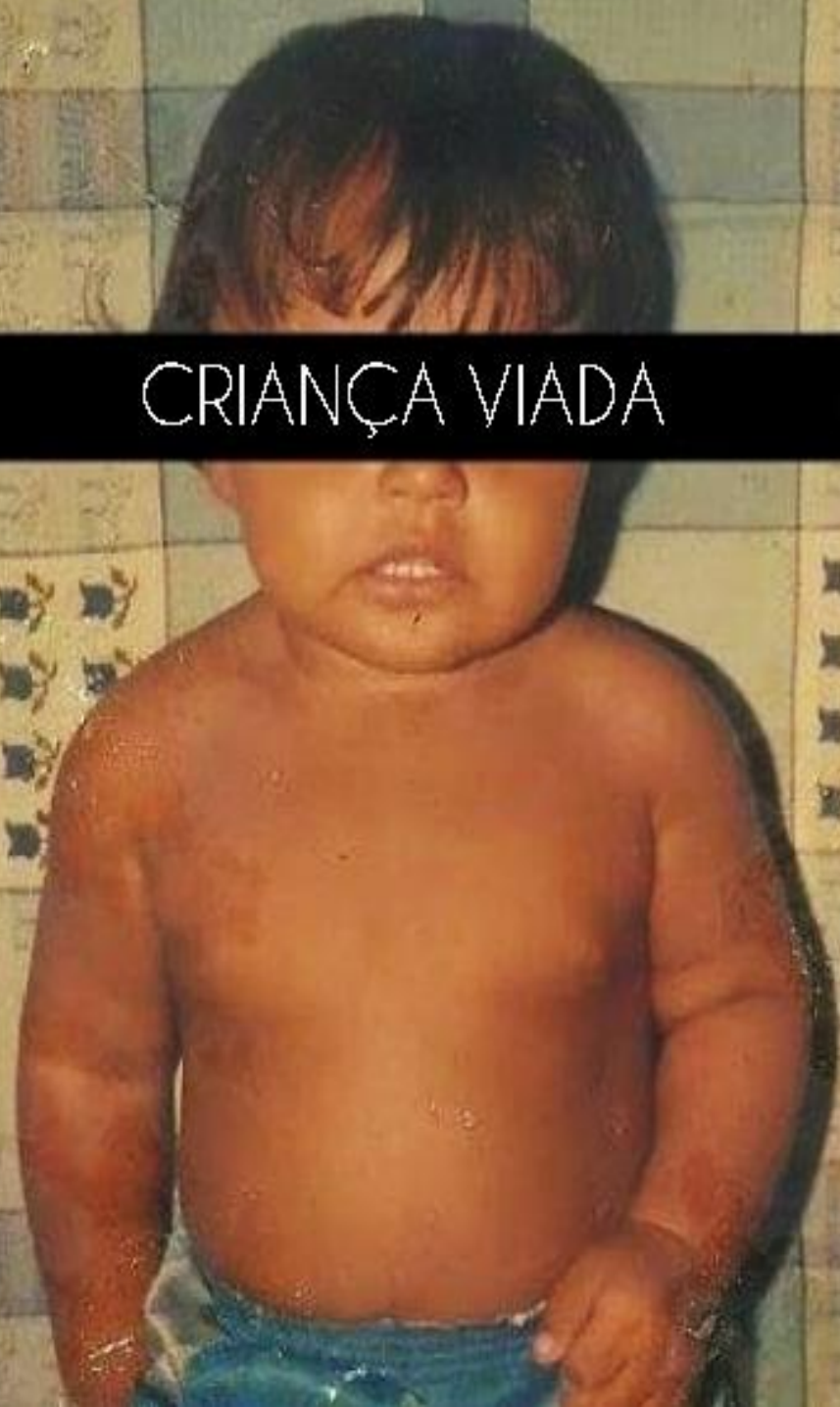


ICARO MACHADO

CRIANÇA VIADA



CRIANÇA VIADA

CRANÇA VIADA
Por Ícaro Machado





Dedico este livro à Jamel Myles, 9 anos, que tirou a própria vida no dia 23 de agosto de 2018, poucos dias após ter dito a seus colegas de classe que era gay. Segundo a mãe de Jamel, ele sentia orgulho de ser gay e queria contar para todos na escola.

PREFÁCIO

Reunida na sala, minha família assistia ao programa do Gugu quando, aos seis anos de idade, abri o guarda-roupa da minha irmã, sequestrei dali uma de suas roupas de balé e a carreguei comigo para o quarto dos meus pais. Sozinho nos aposentos do casal, atrás da porta fechada, coloquei o vestido com receio de ser descoberto. Em seguida, me pus a imitar os movimentos clássicos que eu via minha irmã fazer sobre os palcos durante as apresentações de sua escola de dança.

Um cisne negro sereno e triunfante rodopiava em segredo atrás da porta quando o *Tchaikovsky* que tocava na minha cabeça foi interrompido abruptamente pelos passos de minha mãe vindo no corredor em direção ao quarto. Apavorei-me. Tentei tirar o vestido às pressas. Mas, quanto mais eu me tremia, menos êxito eu obtinha. Fui descoberto. Minha mãe me sentou na cama e me deu aquele clássico sermão. Isso é coisa de menina. Nunca mais faça isso.

Essa foi a *lembrança viada* que me veio à tona ao iniciar a leitura das crônicas que Ícaro Machado compila aqui. Parecia se materializar diante de mim a loja de vestidos de noiva da avó do personagem de uma das 40 histórias que seguem. Me senti como se eu mesmo fosse aquele menino que, usando em segredo um dos vestidos do estabelecimento, se

imaginava uma princesa presa em seu castelo, clamando por socorro.

Certamente, muito *adulto viado* vai se identificar com essa mescla de memórias, subjetividades, traumas, amores, frustrações e *sapequices*, além de reflexões sobre gênero e sexualidade. Essas parecem ser as palavras-chave que definem esta obra.

Muita sensibilidade e empatia foi necessária para a escrita dos textos. Em linguagem leve, eles buscam capturar, com verossimilhança, as subjetividades e as marcas de oralidade que permearam as narrativas construídas pelos dez adultos entrevistados pelo autor. Após realizar leituras teórico-conceituais, pesquisa documental e entrevistas com caráter memorialista, Ícaro garimpou os principais relatos em meio aos depoimentos fornecidos, transformando-os em crônicas que mesclam aspectos da Literatura e do Jornalismo. Um misto de escrita leve, figuras de linguagem, marcas de oralidade, subjetividades, verossimilhança e muita crítica social.

Durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, eu sentia como se nós dois — orientando e orientador — fôssemos dois *adultos viados* atrás de nós mesmos a cada tema que era, aos poucos, selecionado para se materializar no formato de crônica, com base nas entrevistas realizadas.

Nesse rico processo, foram feitas muitas reflexões sobre os aspectos socioculturais que marcam o universo da *criança*

viada. Foram debatidas as regras sobre brincadeiras infantis, as determinações sobre como se portar e se vestir, os impulsos sexuais, o amor, a relação com a família, entre outros temas nem sempre tranquilos. Alguns deles bastante delicados. Debates, por exemplo, sobre como seriam contadas as histórias sobre abuso sexual de crianças sem que essas crônicas fizessem alusão aos famosos “contos eróticos” espalhados pela internet. E, após um intenso processo de lapidação, o autor parece ter alcançado o tom apropriado, com criatividade e, ao mesmo tempo, criticidade e sutileza.

Após escritos, os textos passaram por uma espécie de “estudo de recepção”: *adultos viados* foram convidados a lê-los e apresentar suas considerações, sugerindo adições e exclusões de conteúdo.

Os textos que seguem são resultado desse processo experimentado pelo autor. Um processo que se inicia muito antes de ingressar num curso de Jornalismo e obter esta obra como produto final de sua formação acadêmica. Inicia-se ao dar-se conta da *criança viada* que foi e que lhe ajudou a definir o sujeito social no qual se transformou.

Autor, entrevistados e leitores agora se reúnem em uma única esfera: o universo infantil. Nele, memórias se fazem e se desfazem, compondo psicicamente cada um dos sujeitos envolvidos nesta trama. Vestir em cor de rosa, brincar de elástico, beijar menino, ser livre. Que a *infância viada*, muitas

vezes usurpada, floresça nas memórias de cada leitor que, feito um cisne negro escondido atrás da porta, foi proibido de rodopiar livremente, sereno e triunfante.

Robson Braga



Quem nunca quis ser gente grande para entender as coisas da vida?

Este experimento textual é um compilado de histórias divididas com um jornalista e seu aplicativo de gravação — sim, tá tudo gravado. Nesta experiência, dez adultos viados foram convidados a retornarem à época de caixa de brinquedos, dentes caídos, *manjas*¹ e recreio, a fim de socializar as suas infâncias, que dão alicerce para a construção das narrativas em crônicas que contextualizam e ilustram o universo criança viada apresentado neste livro.

O termo “criança viada” ficou popularmente conhecido por intitular uma página na rede social *Tumblr* (*criancaviada.tumblr.com*). Nesta página, um álbum compartilhado de fotografias, escaneadas e enviadas espontaneamente por adultos que consideram terem sido crianças viadas, dão vida ao projeto/álbum fotográfico que se propõe a discutir imagetivamente esta temática.

Contudo, o termo “criança viada” já era vocabulário usado socialmente, embora informal, para distinguir o comportamento de crianças tidas como afeminadas. Torna-se

¹ Algumas expressões locais/regionais foram reproduzidas nesta apresentação e nas crônicas que a seguirão de modo fidedigno aos relatos durante as entrevistas realizadas. Tais expressões aparecerão em itálico ao longo do texto.

uma expressão supostamente homofóbica e pejorativa, tendo em vista que tal termo acaba por estigmatizá-las. O que acontece é que nós, gays, nos apropriamos deste termo e o ressignificamos como forma de resistência.

Em 2013, a série de pinturas *Born to Ahazar*, da artista plástica Bia Leite, veio com a ideia de reproduzir as fotos do *Tumblr* Criança Viada na linguagem da pintura. A proposta do trabalho era fazer uma série de pinturas em cima das fotografias do projeto desenvolvido pela página, que estava bem popular na época. Segundo Bia, a ideia era “colocar a mim mesma e as pessoas com quem convivi a vida toda na história da pintura em forma de metáfora, usando da colagem como processo artístico mesmo na pintura. Eu apenas reproduzo o que pesquiso”, detalha. Segundo a artista, as imagens e os textos são referências diretas aos *posts* de Iran Giusti, administrador da página Criança Viada no *Tumblr*. As telas da série foram expostas em quatro exposições antes de irem para Porto Alegre, em 2017, quando foram contempladas pelo edital Santander Cultural e incorporadas à exposição *Queermuseu: cartografias da diferença*. Entretanto, devido a denúncias, a exposição foi interrompida sob ameaças de boicote de clientes reacionários do banco². As crianças viadas foram silenciadas mais uma vez.


² Acesse pra mais informações:
brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html

Neste ensaio, o agora livro *Criança Viada* se apresenta como uma proposta literária que irá discutir e, principalmente, denunciar, a situação de desamparo familiar, social e psicológico que crianças homoafetivas do sexo biológico masculino enfrentam durante o seu percurso solitário de descoberta sexual desassistida.

A Literatura é um movimento socioestrutural e artístico em que se propõe discutir a sociedade por meio de textos, sendo eles poéticos e/ou construções narrativas ficcionais. A natureza da criança viada, exposta neste livro, é configurada a partir de figuras de linguagens, a exemplo de metáforas, subterfúgios que marcam a crônica, formato comum entre o Jornalismo e a Literatura.


Tais ferramentas visam ilustrar a narrativa, resultando numa maior imersão do leitor nas histórias que se inter cruzam — quem é quem, ou todos são um só? Assim, despertando os mais variados sentidos e sentimentos com o intuito de provocar, sobretudo, a empatia e outras manifestações afetivas que possam, de forma individual, atravessar o leitor, acendendo uma reflexão acerca do meio social em que este está inserido.

Não obstante, desejo-lhes uma inquieta leitura.



Um poeta contemporâneo disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer; para quantas pessoas essa imagem não surge de uma velha caixa de brinquedos?

(BENJAMIN, 1985, p. 253)





CRÔNICAS

AS IMAGENS que ilustram este livro foram gentilmente cedidas pelos dez adultos viados entrevistados. Elas estão dispostas de modo totalmente aleatório, sem que a narrativa e a imagem necessariamente correspondam ao mesmo personagem.



TALVEZ

Talvez esta tenha sido a crônica mais difícil de ser escrita. Aquela que está a cargo de introduzir tudo. Diluir aos poucos... E, na verdade, talvez isso seja injusto. Muito injusto, até. Ter de apresentar tudo; digo, todas as percepções devem estar introduzidas em um compilado de palavras reorganizadas em uma crônica. Ufa! Uma única só?

Talvez isso nem seja de fato uma crônica. É, talvez seja apenas uma discursão introdutória mesmo.

A verdade é que, inicialmente, a crônica que iria encetar este livro recebeu o nome de **criança viada, ou literatura escandalosa** — e isso foi ideia do Foucault, em seu livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. E, talvez, se tivesse mantido o título, tudo agora ficasse mais claro. Dizível. Mas, daí, fiquei em dúvida. Fiquei com medo de ser mal compreendido. Entre criança viada ou literatura escandalosa, optei pelo talvez.

Nisso, talvez, penso que é possível que tudo tenha se iniciando em mim. Criança viada que fui. Adulto viado que sou. São tempos de descobertas. São tempos de informação. E, talvez, agora, eu quisesse me entender. Entender o que me aconteceu. Por que me aconteceu assim. Esse florescer.

Talvez eu quisesse saber se mais alguém também passou por isso. Se alguém poderia ter ajudado. Se seus pais sabiam, como eles souberam? Se eles choraram ao serem “descobertos”. Se pediam perdão a Deus. Eles acreditavam em Deus? Rezavam? Se eles se entendiam. Ou melhor, entendiam o que estava acontecendo com eles. Se já apanharam na rua por serem gays. Se já foram abusados moralmente ou sexualmente. Se... foram tantas semelhanças.

Talvez seja a hora de conversar com nossas crianças sobre sexualidade. Talvez fosse o momento de conhecer melhor os seus filhos. De ajudá-los a se conhecerem. Digo, de fazê-los compreender que seu corpo é sua morada. E não se deve deixar invadir. E nem você subjuga-lo. Mas é tempo também de mostrar para as nossas crianças que, como pais, eles podem sempre contar com vocês. Que podem confiar. Aceitando-os. Respeitando-os. Acolhendo-os. Tudo acontece no universo das crianças, coisas que a gente nem vê. O que sei é que vão dizer “isso aqui, criança viada, tá mais para uma literatura escandalosa”. E talvez seja. Mas literatura é isso. É a vida escancarada. E a realidade gay deve ser discutida na literatura também. Temos que ser ditos. E todo mundo sabe que, quando a coisa foge ao padrão — **escândalo!**



ELÁSTICO É COISA DE MENINA?

É uma pergunta que eu sempre me fazia quando criança. Quando eu brincava e ouvia os mais velhos dizer “menino, isso é coisa de menina”, em reprovação. E confesso: não sabia o porquê. Sempre brinquei com meninas. Na verdade, sempre tive muitas amigas. Me encaixava mais. As brincadeiras eram mais, digamos, elaboradas. Geralmente refletiam o cotidiano de casa. Casinha de boneca, Barbie, escolinha... Na verdade, as brincadeiras de menina eram mais — hoje percebo —, intensas. Prisionais, talvez. Eram brincadeiras que colocavam as meninas em um lugar de mulher adulta. Meio que as preparavam para assumir seu cargo de dona de casa. Sei lá. E isso, de certa maneira, me era mais interessante do que correr feito um tolo atrás de uma bola. Atividades de choques corporais, de luta, isso não me agradava. Não fazia muito meu tipo. Agora, quando se tratava de jogos em grupo, sim! As brincadeiras em grupo me inseriam em uma espécie de mundo das crianças. E acredite, éramos cruéis também.

Na infância, uma de minhas brincadeiras favoritas era pular elástico. Lembra? Dentro, fora, dentro, pisa, sai *rsrsrsrs* lembro que eu gostava tanto, que por vezes brinquei sozinho: eu e as cadeiras da sala de jantar. Uma à esquerda, outra à direita, sustentando o fio de elástico branco comprado na bodega. Dois

metros eram o bastante. Estes se esticavam de uma cadeira à outras para que eu pudesse saltar entre as duas linhas, executando a sequência dita há pouco. Era a mesma coreografia em vários níveis de altura. Passava a tarde toda pulando. Escondido, claro.

Há cerca de um ano, tive uma experiência, já crescido, de uma situação que retornou em memória latente uma lembrança de quando era *o menino que brincava de elástico*. Em Quixaba, zona praiana de Aracati, onde minha mãe mora, presenciei uma situação que provocou um forte alvitre. No Corrente, que é onde as mulheres vão lavar roupas no interior — pelo menos em Quixaba —, que é uma corrente de água natural que forma uma espécie de lago oportuno para a lavagem de roupa. Nesse Corrente, as mulheres geralmente passam o dia todo lavando roupas e deixando-as pra *quarar* estendidas nas falésias arenosas que cercam o pequeno lago. Quando pequenas, as crianças geralmente sempre acompanham as mães para onde elas vão. Então, elas também vão ao Corrente. Seja para ajudar a lavar as roupas, ou até para encontrar as outras crianças para brincar. Para as crianças, ir ao Corrente é um evento. Não obstante, há cerca de um ano, passei, talvez acidentalmente, pelo Corrente que fica próximo à casa de minha mãe, em Quixaba. E foi nessa ocasião que minha memória latente foi ativada.

De longe, pude ver cerca de quatro crianças que se dividiam em duplas, compartilhando o bom e velho amigo de infância: o elástico. Elas pulavam, ordenadamente em pares, na sombra dos coqueiros, ao lado do Corrente de Josué. Três meninas e um menino. Quando eles me avistaram, pude ver o desespero do menino em se abster do jogo, sentando no chão subitamente a fim de evitar o flagrante iminente. Ele brincava de elástico. E, acredite, parece que até hoje pular elástico é dito como coisa de menina.

Nessa situação me vi obrigado a intervir. Não sei. Não queria que mais à frente esse menino viesse a passar por alguma situação, de muitas que eu passara quando criança. Não hesitei. Me aproximei e pedi pra pular de elástico com elas. As crianças me fitaram. Eu sorri. Cumprimentei as mães, duas ou três eram minhas amigas, talvez até já tenha pulado de elástico com elas, se não me falha a memória. Propus as duplas, e as crianças toparam.

A brincadeira durou cerca de vinte minutos — confesso que meu pique não é o mesmo —, e tinha que seguir com o dia. Nesse intervalo de tempo em que brincávamos, pude perceber em mim, a felicidade de estar pulando de elástico outra vez; mas, mais ainda, pude ver a felicidade do garoto ao perceber que ele não era o único menino a pular de elástico. Talvez ele fosse uma criança viada. Talvez. Não cabe a mim definir.

Contudo, dividir essa sensação de liberdade com ele me mostrou o quão medroso eu fora um dia. As mães logo interviram no jogo, disseram que tem que dividir, que não pode só querer pular, tem que segurar o elástico também. Eu joguei, sorri, e segui o meu caminho.

Nesse dia, nesse Corrente, nesse reencontro com a infância e o meu velho amigo, o elástico. Percebi que a infância ainda existe. As crianças ainda brincam — tá, *o dentro, fora, dentro, pisa sai* não é mais o mesmo. Tem uma nova versão, e eu aprendi nesse dia. Me diverti. Quem sabe o menino se encoraja e joga mais. Saberá. Mas uma coisa é certa: não existe brincadeira de menino e de menina. Existe infância. E ela não pode ser roubada.

SUZY NOIVAS

Tu sabe quando você entra no mundo da Barbie que você tanto quer? Bisha, era surreal pra mim. Era S-U-R-R-E-A-L. A minha vó tinha uma loja de vestidos de noivas, a Suzy Noivas. Viado, ARARAS E ARARAS de vestidos de gala de todas as cores e tamanhos. Eram brilhantes; opacos; longos e curtos; com adereços; lisos; com bordados. Máscaras e leques. Tinha um baú cheio de réplicas de joias. Em material barato, claaaaaroo. Tinha umas anáguas; uns véus *berlíssimos*, meu amor; e *uns* sapatos de salto alto *babadeira*. Mulher, eu ficava altíssima com os saltos, viado. Testava todos. Tudo isso porque a minha avó viajava para o exterior, sabe, daí quando voltava trazia muitos vestidos e adereços para alugar na loja dela. A minha vó era meio assim, mas ela sempre me deixava brincar na loja. A loja era junto da casa, tipo, na frente dela e tals, e geralmente passava o dia de portas fechadas. Porque não tinha vitrine. Era uma casa que as pessoas já sabiam que tinha vestidos lá. Era popular. Boca a boca. Tinha só uma placa sinalizando, então todo mundo já sabia. E todo mundo que entrava lá já era para pegar algo específico. Não se demoravam.

A nossa casa foi uma das primeiras casas do Conjunto. E a única da avenida que tinha telefone. Porque o meu avô vendia telefone da Teleceará, então, todo mundo que recebia ligação ou

queria ligar tinha que ir lá em casa pra usar o nosso telefone. O vô também trabalhava no INSS, além de vender telefone. Então já viu: todo mundo ia lá pra casa mesmo. Lá também era a primeira casa do Conjunto que vendia lembrancinha de gesso, umas coisas lá de beleza... E como a minha vó era da igreja, todo mundo a conhecia. Éramos conhecidos na avenida.

Bee, uma coisa que toda criança gosta é de ir passar o dia na casa dos avós. E comigo não foi diferente. Eu vivia em vovó, bem dizer. Quando eu ia pra lá, eu ficava brincando de princesa de época. A verdade era que adorava coisas de época. Todos aqueles panos em excesso. Eu me vestia com os vestidos da loja, sabe; mas sempre aqueles vestidos mais fácies de tirar, que era para não ser pego vestido de mulher. Morria de medo de ser pega fazendo o *baratismo*, viado, por que ia ser um escândalo lá em casa. Sem falar que, certeza, iam me proibir de ir pra loja. Certeza.

Eu me lembro de que nessa época tinha um filme — sim, porque outra coisa que a gente fazia era assistir a filmes —, e esse em específico sempre passava na televisão que era *Manequim – a magia do amor*. O filme contava a história de um funcionário belíssimo de uma loja de departamentos que se apaixonava por uma manequim. A manequim era belíssima também. Até que um belo dia a gata (manequim) ganha vida e o *boy* descobre que a manequim na verdade era uma camponesa

aprisionada, vítima de uma maldição há mil anos, coitada. E isso, quando ele tira o colar da manequim, é que ela retorna à vida. Era um enredo *babadeira*. Então, eu incorporava essa princesa que tinha sido enfeitiçada e *tals*. Eu peguei um cordão no baú da loja e coloquei no pescoço, que era quando eu estava vestido de menino, de mim. Isso significaria dizer que eu estava presa, amaldiçoada; mas, quando eu entrava na Suzy Noivas, na loja da minha avó, eu tirava esse cordão e me tornava uma princesa com todos aqueles vestidos só pra mim. Todas aquelas intermináveis araras e mais araras carregadas de montagem.

Lá era o meu castelo. Entre um vestido e outro, às vezes, a brincadeira se misturava e tal hora a gata já se imaginava em um paraíso perdido, sabe. Muito imaginativa. Eu corria com os saltos pelos corredores pedindo ajuda: “Socorro, socorro!”. Passava horas e horas brincando. Tudo isso sozinho. A minha irmã era mais nova. Ela era uma cavala batizada e só queria saber de correr na rua. Ela vivia cheia de pereba de ferida de queda de menina traquina. E meu irmão era um bebê ainda. Entre dois e três anos de idade. Mas eu, aaaah, eu era uma princesa.

Eu lembro que, algumas das vezes, por pouco a minha vó não me pegava vestido com os vestidos. Mas eu era esperta. Quando eu a percebia chegando, eu me escondia no meio dos vestidos dentro das araras e tirava tudo. E então eu colocava o meu

cordão enfeitiçado e voltava a ser manequim outra vez. Ela nem notava eu escondida, mas eu estava ali, bem princesa, protegida no meu castelo.



SÍTIO SEGREDO

Era tudo mato. Não tinha ninguém. Eu cresci até os cinco anos em um lugar assim: na beira da estrada. Perigosíssimo no sentido de que, se acontecesse alguma coisa, o meu pai passava o dia fora trabalhando na roça, minha mãe botando água na cabeça até dez horas da manhã. Era só a minha irmã cuidando de mim e do meu irmão. Ela com seis anos, eu com três e o meu irmão recém-nascido. Até os meus cinco anos eu não lembro de uma infância com outras crianças que não fossem o meu irmão e a minha irmã.

Era uma casa alta de tijolo caseiro. Tijolo de barro vermelho que meu pai fez. Os tijolos. As telhas. Tudo foi construído pelo meu pai: uma sala, uma cozinha e dois quartos. O lado esquerdo da casa era um curral onde a minha mãe botava as vacas, as cabras e os porcos. No mais, era tudo mata fechada. Uma enorme mata fechada. Sumia à vista o *verdaval*. No entanto, todos dos sítios vizinhos que voltavam da cidade obrigatoriamente atravessavam pela minha casa: o Sítio Segredo. Um segredo mesmo. Distantíssimo. 39 km da cidade.

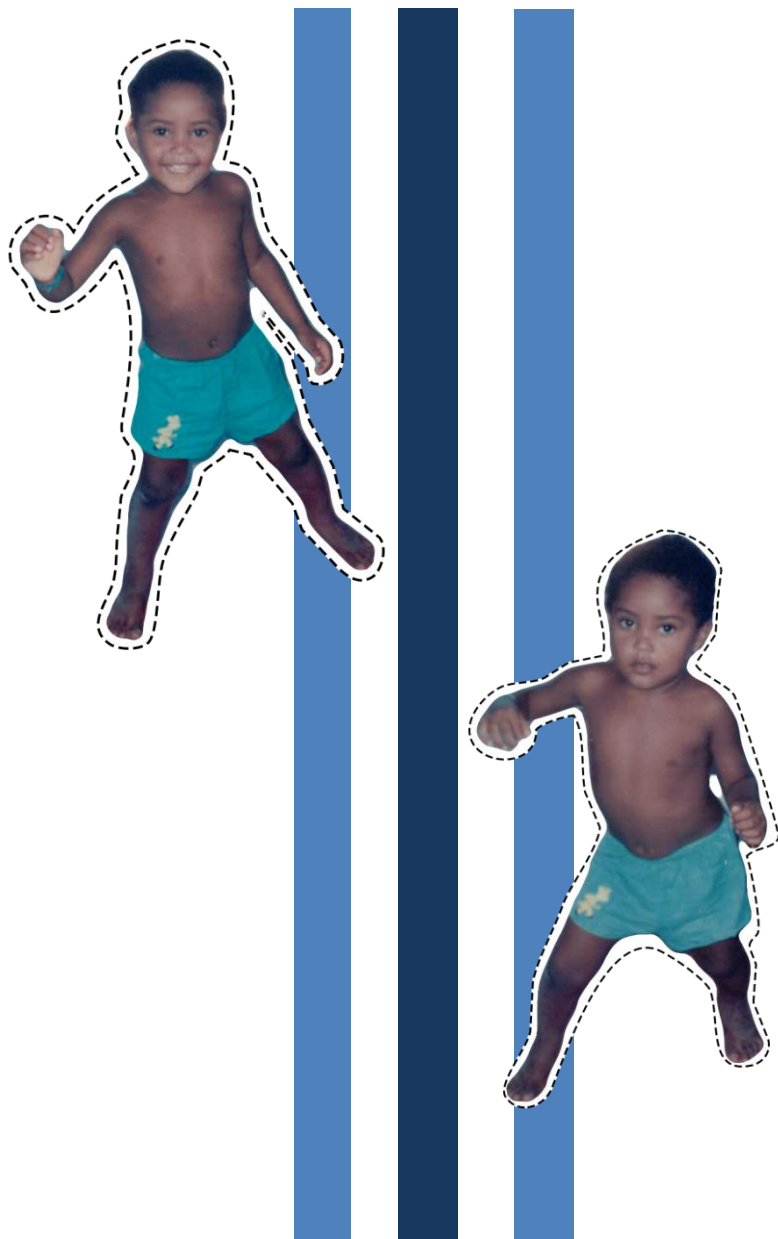
Na cozinha, tinha um balcão de quase um metro, que era onde mãe guardava os legumes, preparava a comida. Quando menino, era passando pela cozinha que eu corria feito o cão

com a toalha na cabeça até o terreiro onde as galinhas soltas demarcavam o chão com listras sobre a areia. Era a minha diversão. Sem brinquedos, nem nada. Fora a cozinha, eram apenas redes e concreto. Foi no sítio segredo que eu cresci. Talvez, em segredo, me escondi. *Amulherzado*, como titia sempre falava. Brincando de manja. De se *trep*ar no cajueiro. Banho de rio malcozinhado. Foi no sítio segredo que, em segredo, eu fui me descobrindo. Sozinho, fui me tornando um menino afeminado. Criança viada. Não teve criação que desse jeito: eu era uma criança destinada ao estrelato, era certo. Mas isso tinha que ficar ainda em segredo.

APELIDO

homossexual. gay. viado. viadinho. viadão.
bicha. bichinha. bichona. barbie. machucada.
poc. pão com ovo. menininha. amulerzinha.
balde. baigue. baitola. baitolinha. queima-
rosca. ré no kibe. leva vara. leva
fumo. fresco. semi-fêmea. *tinker bell*.
afeminada. florzinha. boneca. cú
torado. gayzão. desnortado. erro da
natureza. aberração. *bilholha*. perdido.
desencaminhado. vaidoso. delicado. filhinho
da mamãe. boiola. frutinha. afetado e soca
bosta.

Entre todos, prefiro Carlota.



DIA DAS CRIANÇAS

Era uma grande caixa estritamente retangular. A maior entre todas as outras. De longe a mais preenchida. Tinha outros embrulhos, mas eu já sabia que só esse pacote poderia ser o meu. A minha caixa de presente de dia das crianças. Aaaaah, como eu amava o dia das crianças. Tudo era feito pra gente. Vó, vô, tios, padrinhos, eventos na escola, na igreja. Todo mundo ia lá em casa e deixava algum embrulho pra mim.

A então minha caixa retangular estava revertida por um papel de presente *iluminadamente* colorido, preso por um laço em tons de azul com rajadas na cor vermelha por entre as pontas. Acho que o laço era acetinado, não era uma fita qualquer. Afinal, era o Dia das Crianças, e eu havia passado o mês todo dizendo o que eu queria. A caixa e o embrulho tinham de ser à altura.

Eu sempre tive muitos brinquedos. Não tinha do que reclamar. Talvez por ser uma criança sozinha, as pessoas me davam mais presentes. E no dia das crianças triplicava. Eu amava. Criança é tudo igual. Quando volta das férias, ainda em agosto, a gente começa a aperrear os pais da gente. Chega setembro, a gente já tem mudado de presente umas dez vezes. Quando a gente é criança, a gente quer tanta coisa. Quer tudo. A gente acha que é

só pedir que vem. Mas nesse ano não. Nesse ano eu foquei. Lembro de ter passado o mês de setembro todo pedindo, implorando, esperneando uma única coisa, um único presente — mamãe, me dá os *Power Rangers* no dia das crianças. Eu quero tanto. Acho que ganhei.

Quando vi o embrulho com aquele laço azul cintilante, fui logo correndo em direção a ele. Não tinha como puxar o laço delicadamente. Eu queria desesperadamente saber o que havia dentro daquela caixa retangular. Rasguei o papel vorazmente na tentativa de desvendar de uma vez por todas se, de fato, meu pedido fora realizado. Será que eu tinha ganhado os meus *Power Rangers* de presente?

Papel pelo chão — mistério desvendado. Era uma caixa marrom, sem nada, mas, quando abri, lá estavam eles, os cinco *Power Rangers*: azul, verde, amarelo, rosa e vermelho.

Com o presente revelado, a minha mãe se aproximou e tomou dois de meus bonecos: a *ranger* amarela e a rosa. E disse que eu poderia brincar com o restante. Não entendi. Eu queria justamente brincar com elas. As que eu mais gostava. Mamãe me disse que eu brincasse com os outros três e que, quando eles quebrassem, ela me daria os outros dois bonecos. Eu não entendi ao certo. Eles eram exatamente iguais: mesmo tamanho, mesma roupa, até as armaduras eram iguais, só as cores eram

diferentes. E eu gostava mais justamente das cores guardadas. Decepção.

Não sabia o que fazer. Tinha que bolar um plano pra poder unir os meus *Power Rangers* de novo. Não é que eu não gostasse dos três que estavam comigo, eram até legais, mas não era a mesma coisa. Tinha que resgatar as outras duas cores.

Dos planos,

uma vez tentei dizer que havia esquecido na escola; outra que tinha deixado na casa do meu primo. Nada funcionou. Ela disse que só me daria os outros dois quando os três que estavam em minha posse estivessem quebrados. Não havia mais nada a ser feito. Tive que sacrificar os *Power Rangers* azul, verde e vermelho. Bolei o plano de criança malina. Às vezes eu era cruel. Ateei fogo na cabeça dos três bonecos. Foi duro. Mas ganhei as *rangers* rosa e amarela de consolo.

EU NÃO PRESTO

Tinha um grande galpão em frente a nossa casa. E esse galpão já tinha sido uma academia antes de se tornar esta oficina pela segunda vez. Era uma rua muito tranquila. Sempre tinha transeuntes; destes, crianças das mais variadas idades sempre acompanhadas de suas respectivas mães. Todo mundo se conhecia. Todo mundo dava fé da vida de todo mundo. Naquela época o meu pai ainda era Pastor. Tinha empregados lá em casa. O plano Real ainda estava emergindo e tals. O Kinder Ovo ainda era um real...

Uma das empregadas lá de casa, a Joana, que ajudou a criar os meus irmãos, era vinda do interior. A sua mãe a largou em casa e foi embora viver na Bahia. Nesta situação, a minha mãe pagou as passagens dela para que viesse morar e trabalhar aqui em casa ajudando com os meus irmãos. Era comum nessa época as pessoas trazerem adolescentes do interior para ajudar na criação de seus filhos na cidade grande. Era meio que uma oportunidade para ajudar as pessoas a saírem do interior e da miséria. Pelo menos era o que eu ouvia quando criança os mais velhos dizer. E não foi diferente com a minha mãe.

Nessa dita oficina, que ficava na frente da minha casa, tinha um cara que gerenciava lá. E esse cara começou a xavecar com a Joana. Como a minha mãe era da igreja, logo eles noivaram.

Num dado dia, eu fui passar o dia na casa da Joana, que, com o noivado, passou a morar com o noivo na oficina. Já era corriqueira a minha ida para lá. Por ela cuidar dos meus irmãos, eu tinha criado um certo vínculo carinhoso com ela também. Joana era dócil e sempre cuidou muito bem dos meus irmãos mais novos. Eu já era crescidinho. Já cuidava de mim mesmo.

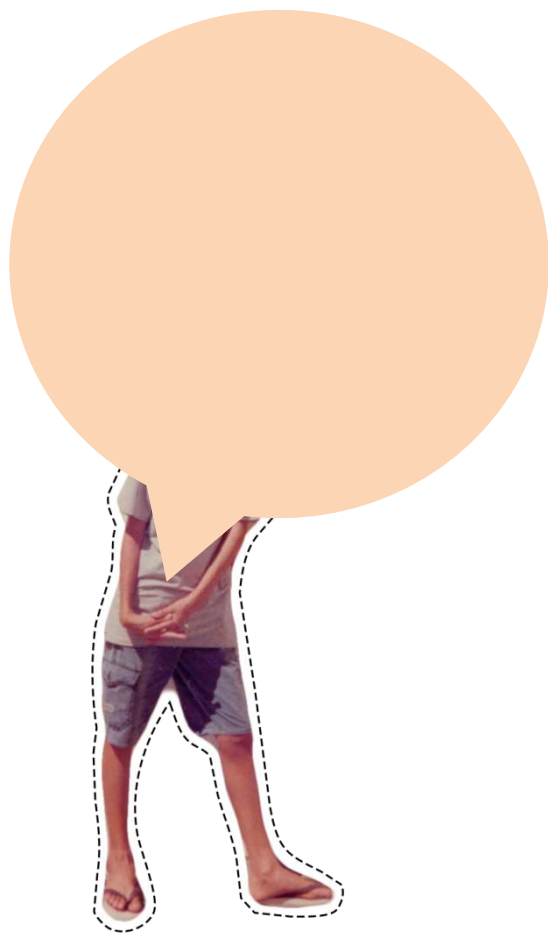
A verdade é que eu sempre gostava de brincar na casa da Joana. O quintal era imenso. Só tinha eu de criança lá. Então eu podia mexer em tudo. Era sempre muito bom ficar por lá. Nesse dia, depois de certo tempo brincando, eu me lembro da Joana me chamar para comer alguma coisa. Claro, criança come de três em três horas, e a Joana cuidava da gente como se fôssemos seus filhos. Atendendo ao chamado, entrei na casa e segui de encontro à Joana, ela estava na cozinha a preparar coisas para comermos. Tinha um suco com umas bolachas. Talvez tivesse bolo também, não me recordo bem. Foi quando o noivo dela chegou. Ele pediu para que ela fosse comprar um sorvete pra que pudéssemos comer todos juntos. Eu queria que fosse napolitano. Três cores. Três sabores. Adorava.

Joana sai para comprar o sorvete...

Nesse rápido intervalo, o noivo de Joana me chama para uma brincadeira mais corporal. Não entendo muito bem. Ele passa a mão no meu corpo, chupa o meu peito, sempre pedindo para que eu devolva as carícias com a mesma frequência. Assustado, não as faço. Tudo acontecera muito rápido. Logo me desviei e fugi. Joana reaparece com o sorvete. Ele então pergunta se eu não gostaria de ficar para dormir. Era napolitano. Ele insiste no pedido. Não quis mais comer do sorvete. Joana Estranha. Saio em disparada para o terreno lá de casa, logo esqueço e volto a brincar agora com os meus inúmeros brinquedos que toda criança solitária tem.

Um dado momento ele reaparece lá em casa. Ao chegar à sala, indaga em alto som o porquê da recusa de ir dormir lá, refazendo pela terceira vez o convite. Diz que ainda tinha restado sorvete que não quis. Questiona por quê saí sem provar o meu sorvete predileto. Completa dizendo que poderíamos comprar mais um pote caso eu quisesse. Não sabia o que dizer. Não podia dizer o motivo. As pessoas não entenderiam o motivo. Eu não entendia o motivo. Elas me culpariam. Aos nove anos, eu não me sentia à vontade com essa situação.

Eu não presto.



PENEIRA

No início do ano eles te pesavam e tiravam a sua altura. Faziam toda uma avaliação física em você a fim de lhe alocar entre as atividades físicas oferecidas na escola. Se você fosse alto, te arrastavam para o basquetebol, o voleibol ou handebol. Se fosse baixo, eles te colocavam no futsal. Nessa época, a atividade física era voltada para as atividades de rendimento. De rendimento para escola, claro. Não tinha essa história do esporte educacional, não. Tinham campeonatos e jogos municipais, e as escolas eram competitivas. Mas, e quando eles pegavam um afeminado, o que era que eles faziam? Dança, teatro ou artes plásticas. Nada de afeminado no esporte. Não existia essa ficha que tem hoje, que você elege aquilo que você quer fazer entre todas as opções. Era uma peneira em que eles escolhiam qual atividade você iria integrar. E você tinha de ir e ponto.

No grupo de dança da escola, eram só mulheres e gays. Homem não dançava. Dançar era coisa de mulherzinha. Nisso, as aulas eram sempre surpreendidas por piadinhas. Olhares tortos eram comuns na escola. Funcionários riam da gente enquanto a gente ensaiava. Quando a gente passava maquiado pelos corredores, era sempre motivo de chacota. E a gente nem entendia. Eu não

entendia qual o motivo das piadas. A gente só dançava com as meninas. E, modéstia à parte, eu arrasava.



TRINTA E UM SALVE EU!

Esconde-esconde é uma das brincadeiras infantis em grupo de que eu mais gostava. Era misteriosa, sabe, a ideia de ter de se esconder em lugares onde ninguém poderia te achar e ter que ficar lá até ter a oportunidade de se salvar no jogo. Sim, se salvar. Esse era o objetivo no esconde-esconde. Elegia-se uma pessoa pra contar até trinta e um, isso com os olhos tampados, até que termine a contagem, e, quando terminada, essa mesma pessoa devia procurar pelas outras crianças que se esconderam durante a contagem. O encarregado de procurar os escondidos seria vencedor apenas se encontrasse todos os participantes antes que estes retornassem ao ponto de partida, pegando na manja e proferindo “trinta e um salve eu!” cada, ou; quando último, “trinta e um salve todos!”, e o jogo então recomeçava. Do contrário, o primeiro encontrado pela pessoa que contou até trinta e um, assumia o seu lugar assim que todos fossem encontrados, dando início a uma nova partida.

Era uma sexta-feira. E já era sabido que às sextas iniciava-se a maratona do “posso brincar até mais tarde, porque amanhã não tem aula”. Como eu estudava pela tarde, a volta para casa nesse dia era sempre tomada pela euforia do fim de semana sem aula. Então, eu só chegava em casa, tirava a farda, quando tinha. Caso não, só comia e fugia corrido pra rua.

Era uma extensa rua em barro avermelhado que se cruzava em meio às pedras de piçarra desencontradas, pedras essas vindas de uma outra rua mais à frente. Era uma decida em perpendicular, na verdade. Dizem que de longe tudo é reto. Quando era em dias de chuva, uma corrente de água se formava e percorria pela lateral direita da minha rua. Sempre em linha reta, ela cruzava essa decida antes de bater de encontro ao seu ponto final: a praia. E só então — como em um desague —, depois de nadada toda a rua pelas beiradas, era que a chuva, vermelha de vergonha por passar a rua toda, lançava-se no imenso e molhado mar salgado. Era lindo correr até lá nos dias de chuva pra tomar banho de mar. A água é bem quentinha. Mar liso...

E no meio de todo esse percurso aquático da chuva que corria pra o mar, nessa rua avermelhada de barro, tinha um agora velho — mas muito maravilhoso —, pé de castanhola, que é uma árvore frutífera muito comum nessa região. Por vezes, a árvore era a manja da brincadeira —isso quando os *mais grandes* não jogavam, por que eles geralmente elegiam como manja o na época recém-poste público que iluminava uma pequena casa de pescador protegida por uma cerca quase desfeita de arame farpado em tons de preto enferrujado, e um esverdeado pé de trapiá, que é uma espécie de árvore comum em áreas com solos arenosos, especialmente na altitude de 0-500 metros. Quando cresce em clima seco, é muito semelhante

a *Cucurbita Palmeri*. E talvez até fosse. Não me recordo bem. Só lembro que demorou muito pra gente provar o seu fruto. Uma frutinha geometricamente circular do tamanho de um limão *dos grande*, revertida por uma espécie de casca amarela, mas branca por dentro, e com carocinhos pretos. Era *massenta* e meio amarga, mas no final adocicava. Comi duas ou três vezes, eu acho. Quem gostava era o camaleão que morou um tempo no pé de trapiá de dona Olga.

Mas era embaixo da castanhola, que ficava em frente à casa da minha melhor amiga de infância, que a as crianças da rua se encontravam. E todas as sextas feiras as crianças de lá brincavam de esconde-esconde. Chegava a quase duas dúzias de crianças, às vezes, meninos e meninas, entre oito e doze anos, que se juntavam para jogar a brincadeira pontualmente às sete da noite — criança é bicho pontual quando o assunto é diversão. Me lembro como se fosse hoje: a gente tirava *zerinho ou um* pra decidir quem ia contar. Aquele que ficasse por último contava.

Nesse dia em específico, tinha mais meninos do que meninas na brincadeira. Na verdade, quase sempre teve mais meninos que meninas. Principalmente quando se tratava de esconde-esconde. As mães não deixavam muito as meninas menores brincarem de se esconder com os meninos. E hoje eu até acho que entendo o porquê.

Já íamos iniciar a primeira rodada da brincadeira. Ficou combinado que não teria “salve todos”, porque senão as rodadas iriam demorar mais. Mas essa demorou foi muito.

No esconde-esconde sempre tinha os grupos de amigos que se juntavam pra se esconder juntos. Tinham uns terrenos baldios; umas casas abandonadas. Tudo num breu só. Tinha até gente que subia na castanhola pra se esconder. Enfim, canto era que não faltava. Eu tinha uns amigos que, por vezes, também gostavam de se esconderem juntos. Tínhamos os melhores esconderijos e era sempre certo nos salvarmos.

Éramos quatro no total. Quase sempre juntos, nos chamavam de “os pestes da rua”. Mas é que quase todo sábado e domingo a gente se encontrava, uns nas casas dos outros, e então passávamos o dia todinho juntos no mundo. A manhã inteira, pegando a metade da tarde, a gente estava: ou tomando banhos incansáveis de mar, presos às boias improvisadas com garrafas pets, ou então saltando nas jangadas *afundiadas*, que são aquelas jangadas que, diferentes dos paquetes, que são menores e que ficam no seco, são jangadas que estão na costa do mar, dentro d’água, mas mesmo assim próximas da areia da praia. Geralmente se tratavam de jangadas maiores que são utilizadas para a pesca de dormida, que é quando o pescador dorme quatro dias no alto mar. Em dias de maré seca e mar agitado, encontrávamos mais meninos e íamos todos a nado até lá. Era

muito bom. Lá as ondas são altas, mas não tem espumas, então elas levantam a proa da jangada, que é a frente dela, já próxima da bulina. Com a onda alta, a proa levanta, inclinando a jangada e nos dando impulso pra saltar alto. Não se preocupe, eu aprendi a me virar desde cedo, e isso inclui nadar.

Às vezes, na ausência de jangadas *afundiadas*, estávamos soltando jangadinhas de isopor ou fazendo lagartixas com coqueiro. As brincadeiras de criança tinham um negócio de épocas. Tinha a época da pipa, bila, do pião, papangu. Teve até a época da *beyblade* rrsrrrs.

E a lagartixa é uma brincadeira artesanal feita com a palha do coqueiro que meu padrasto, que é pescador, me ensinou. Você enverga a palha, dobrando o palito sem deixar quebrar. Daí você amarra um *nylon* fino para segurar essa envergadura que irá servir de vela para o resto da palha. Produzida a lagartixa, basta soltar no mar, que ela sai *correndo* pela água. Eu adorava brincar de lagartixa na praia, principalmente em dias de maré seca. A gente fazia corrida. Era muito divertido. Não faltavam brincadeiras. Acho que ser criança no litoral foi muito mais divertido. Por isso, esconde-esconde não seria diferente...

Quem ia contar era o Jorge. Jorginho, que foi quem perdeu no zerinho ou um. Ele era mais novo e meio lesado, então nem precisava arrumar um esconderijo muito elaborado. O problema era que ele tinha medo de procurar, então ele guardava muito a

manja, que dessa vez, por ter muita gente, era o poste iluminado. Um, dois, três... Jorginho começou a contagem. Foi instintivo. Corremos todos juntos em direção a uma casa em construção. Era meio complicado entrar lá. Tinha que subir um muro seguindo por ele até que tivéssemos acesso a casa, pulando para dentro dela por uma forma de janela aberta. A casa estava nua. Sem teto, nem reboco. Sem piso. Nada. Só se podia ver o esqueleto da casa em vermelho de tijolo de barro. Mas não se engane! Se tratava de uma casa grande. Uma sala, cozinha, três quartos e dois banheiros, talvez, não me lembro ao certo. As portas que davam acesso para fora estavam consumidas por mais tijolos, o que impossibilitava a entrada de alguém que não pela única janela disponível. Aquela por onde entramos pelo muro. Como a casa era grande, era possível driblar e se salvar caso Jorginho se atrevesse a adentrar no esconderijo. Mas ele não o fez.

Lá vou eu, gritou Jorginho. Estávamos, os quatro, dentro da casa já. Acomodados entre um dos espaços que tinha saída tanto pela esquerda, como pela direita, e onde também se podia vigiar a janela de entrada. A única entrada da casa. Tudo durou cerca de vinte minutos. Tínhamos criado um mecanismo de tempo que gerenciava a diversão dentro da brincadeira. Sim, estávamos jogando o esconde e come. Eu, o meu melhor amigo e mais dois primos. Cada um tinha o direito de se esfregar no outro vindo por trás durante trinta segundos. Todos

participavam. Mas nem todos trocavam entre si. Na verdade, eu fui o único a não contar até trinta com o meu amigo.

Era um mecanismo de tempo muito bem pensado. Contava-se até trinta, e dois de nós se esfregavam enquanto outro acompanhava a contagem piamente, não podia trapacear, e o quarto pastorava a janela. Afinal, ninguém queria ser pegue no jogo.

Pude ouvir a primeira pessoa bater na manja. Trinta e um salve eu! Jorginho já havia encontrado duas outras pessoas. Então chegou a minha vez de contar até trinta. Lembro-me de contar lentamente. Sim, de errar o número para poder recomeçar a contagem outra vez. Eu gostava do jogo. Era divertido. Então eu aproveitava: vinte seis, vinte sete, vinte oito, vinte e nove...

— Trinta e um salve eu!

Jorginho não conseguiu encontrar a gente nessa rodada.

INFECTRIM

— Mulher, tu não conheces nenhuma rezadeira pra eu levar o Thiago, não?
Esse menino tá estranho.

Pude ouvir lá dos fundos, ainda no meu quarto, mainha proferir essa sentença pra Luzia que estava lá no terreiro de casa. As duas, embora católicas ferrenhas, eram muito supersticiosas. A verdade era que eu não sabia ao certo o que pensar. O que significava pedir para uma rezadeira rezar em mim? Eu não entendia. Por que, até onde eu sabia, as rezadeiras ajudavam a curar as pessoas. Basta que elas passem a mão em cima de alguma coisa quebrada, ou na sua cabeça, rezava uns minutos e depois a gente espera que logo ficava bom. Foi assim quando quebrei a minha perna uma vez.

E, dessa vez, eu não tinha nada quebrado; e muito menos me lembro de estar doente. Não me sentia quente. Nem tosse, nem nada. Na verdade, eu queria era sair e ir brincar na casa do Joaquim. Ele tinha muitos brinquedos, e a empregada de lá sempre fazia lanche pra gente enquanto jogávamos Super Mario no videogame depois do esconde-esconde no terreiro.



ASMA

Nunca gostei das aulas de Educação Física. Mas, independentemente de mim, era certo que todas as sextas-feiras pela manhã, no mesmo horário, elas aconteceriam. Eu até me lembro que o professor sempre insistia, dizia que ia ser legal jogar bola com todos os outros meninos, que isso ia me ajudar na socialização com os garotos. Mas não. Não tinha jeito. Eu não gostava das aulas de Educação Física.

Toda sexta-feira era a mesma coisa: eu iria ficar cansado inutilmente, depois de correr inutilmente atrás de uma bola. Era chato. Falta de ar, afobação e fadiga repentina; braço machucado. Tudo era uma possível desculpa pra não participar das aulas. No fim, pensei em asma. E não é que deu certo. Fiquei no banco. Quando não, fugia, ia brincar com as meninas. Elas não jogavam bola, era “coisa de menino”. Lembro-me de por muitas vezes ouvir “fica lá, que tu já és menina mesmo”. Então eu ia.

A GENTE APRENDE NA TELEVISÃO

Morávamos minha vó, eu e mais dois tios em uma casa de três cômodos feita inicialmente de madeira e quase à beira do Rio Jaguaribe. Como na minha casa nunca teve televisão, eu tinha que ir assistir à TV na casa dos outros. Nós morávamos como em uma espécie de vila. Um vilarejo que resistia. Todo mundo se conhecia. Logo, todos eram transeuntes assíduos nas residências um dos outros. E foi nessas idas às casas dos vizinhos que o que hoje considero abuso acontecia.

Eu estava na casa dele. Um homem de seus trinta e tantos, quase quarenta. As duas filhas dele tinham pegado no sono assistindo à televisão com a gente. Estava passando Chaves. Ainda me lembro. Foi muito rápido. Ele pegou a minha mão e amaciou o seu pênis. Era bem maior do que tudo que eu já tinha visto. Lembro de ficar com medo dele contar alguma coisa pra a minha vó, ou coisa desse tipo. Era errado eu fazer aquilo. Então deixei de ir assistir televisão lá. Fiquei assustado. Mas essa não foi a única pessoa da rua que me assediou.

Como eu disse, a minha casa ficava entre várias outras casas. Era muito comum frequentar a casa dos outros. Como eu morava com a minha vó — tanto o meu pai, como a minha mãe, não me criavam —, então eu sempre fui daquelas crianças que

passava o dia na casa dos outros. Criança do mundo. A minha vó sempre me deixou muito livre. Era uma educação alheia e desassistida.

Teve uma vez que eu fui pegar lavagem na casa de outro vizinho. Como a gente era muito pobre, sempre ganhávamos restos dos vizinhos. E minha avó sempre criou galinhas e porcos. Ao adentrar na casa dessa vizinha, lembro de seguir em direção à cozinha, que ficava ao fundo, já próxima ao quintal. Tinha um banheiro que era uma intersecção entre esses dois pontos: um banheiro que ficava exatamente à direita da porta da cozinha que dava acesso ao quintal. O filho dela tinha uns dezoito. Dezenove! E eu, oito, ou nove, por aí. Uma década de diferença. Ele me arrastou para dentro do banheiro onde ele estava tomando banho e me trancou com ele lá.

Foram cerca de quinze minutos. Mas parecia que não ia acabar. Ele disse para eu colocar o seu pênis na boca e chupar. De porta trancada, me vi obrigado a pagar o preço pela liberdade roubada. Ele só vai me soltar se o fizer, pensei. Então fiz. Confesso que, além do medo de ser descoberto, me senti extremamente constrangido por não entender o que estava acontecendo.

O terceiro caso me pegou na minha época de menino de favor. Ia para a bodega para uma outra vizinha, e o seu filho, por vezes, me obrigava a masturbá-lo sempre que tinha

oportunidade. Na obrigação do favor pago, eu o masturbava até ele gozar. A mãe dele nunca soube, mas dois favores me eram cobrados naquela viagem paga ao supermercado.

ANIVERSÁRIO

Toda criança gosta de aniversário. De comemorar junto com os coleguinhas, participar de festinhas temáticas na escola. Bolos, beijinhos e brigadeiros. De lembrancinhas recheadas de balas. Aniversário é dia de beber bem muito refrigerante e comer pipoca. Muita pipoca. Estourar a bola gigante da *caba-cega* e se desesperar com todos aqueles bombons no chão cobertos por um mar de crianças eufóricas não têm preço! Eu mesmo nunca tive uma festa só pra mim. Não fui criado com essa cultura de presentear. A gente não podia se dar a esse luxo...

Depois é que eu fui me firmando como criança viada. Que eu passei a ser apontado e identificado na rua como um menino afeminado — isso por que os mais velhos sempre descobrem Isso primeiro que você e eles fazem questão de te julgar por Isso. E nem sei por quê, mas eles meio que te obrigam a pensar: “eu sou Isso mesmo?”.

Quando fui crescendo, eu percebi que tinha aniversário na rua do qual eu não era convidado. Os convites foram, gradativamente, diminuindo. Tornaram-se, com o tempo, escassos. Muito também porque eu era pobre, e geralmente não tinha presentes pra levar. Ser presente não era presente. O que importava era o presente material. Mas também porque eu era

gay. Uma criança viada. E isso talvez fosse inadmissível nas festas infantis de minha rua. Pelo menos eu acho isso hoje.

Lembro-me de vários aniversários de colegas a que não pude ir por falta de convite. Eu ficava na minha janela, só na vontade. Observava as crianças passarem, todas arrumadas com seus embrulhos de presentes à mão. Alegres, indo para as festas de aniversário. Sentado na janela, de shortinho surrado e sem blusa, eu torcia para que alguém parasse e me chamasse para que o acompanhasse até a festa. Eu queria participar.

Sem entender, eu dizia para a minha vó que eu ia. Então eu tomava banho e começava a me arrumar. Mas ela não deixava. Dizia que eu não ia. Que não tinha sido convidado. Retrucava dizendo — Mas vó, tá todo mundo indo. “Mas ninguém chamou você”, ela dizia.

Só tinha dois aniversários as quais eu não faltava. Os dois aniversários pros quais eu tinha certeza de que eu seria convidado. A festa da filha de uma amiga da minha vó, que sempre me convidava me dizendo que eu não precisava levar presente. E do meu primeiro amor, que ele fazia questão de me chamar pessoalmente. Ele entregava o convite e dizia: Você tem que ir à minha festa. Lembro que uma vez eu não tinha roupa para ir e ele me levou na casa dele e me fez escolher algo no seu guarda-roupa para vestir.

Por vezes, eu pedia a minha vó para apagar a lamparina à noitinha antes de dormir. Eu me imaginava apagando as velinhas do meu bolo de glacê imaginário. Das festas que eu não era convidado.

No dia seguinte, os restos chegavam na minha casa. A gente era a família mais pobre da rua. Sempre o que sobrava ia parar lá em casa. E eu comia tudo. A minha vó agradecia com modéstia.

RUNAWAYS

"Fugir da vida não é solução" — pôde-se ouvir os sussurros portão adentro. Em concordância, talvez, sorriu. Depois, em passos largos, continuou a andar carregando tudo o que conseguira juntar de si em sua velha mochila e foi viver por aí... Fugido.



*aconselha-se ler ouvindo a música *last dance* do cantor **Jaloo**

BRINQUEDO

Magrinho e com um tom de voz tido como afeminado, eu brincava muito com meninos até então. Antes de me descobrir como trans não-binária. Brinquei de pipa, de bila, de pescar e nadar no rio. Jogava bola. Sim, eu jogava muita bola. Mas, mesmo assim, eu nunca perdi essa minha essência do meu eu feminino. Por que, se não me engano, estas eram algumas das brincadeiras de menino. Brincadeiras que homens tinham que obrigatoriamente brincar no interior onde eu cresci. Brincadeiras que colocassem força e agilidade em funcionamento. Bem pudera, a gente não tinha dinheiro pra comprar brinquedo. Então a gente brincava como era possível. No mundo. Na natureza.

Eu era uma criança muito viada. Daquelas que gostavam de dar show quando fazia um gol. A verdade era que eu sempre tentava me encaixar piamente na tarefa que me fora dada desde o meu nascimento: ser homem. E isso meu pai fazia questão de lembrar todos os dias. Me lembro que, quando a gente ia pro rio *dar tainha* — que é um salto onde o nadador entra de cabeça na água —, eu sempre me preparava para ser a melhor. Meu salto era quase uma performance — se não fosse. Eu queria fazer as coisas de menino da melhor forma possível. Eu tinha de ser a

melhor criança menino. Eu queria que a calda da minha pipa fosse imensa. A maior entre todos os garotos. Ela tinha de ser uniforme e esteticamente harmoniosa. Tratava-se de uma sacola plástica que, embora fosse toda repicada para dar forma ao rabo da “arraia”, tinha a sua cor escolhida a dedo. Tinha de ser a pipa com o rabo *mais grande* e deslumbrante. E era. Como tudo na minha vida hoje.

Bila eu tinha de monte. Quaisquer cinquenta centavos eram facilmente investidos nesse negócio: comprar bila. Triângulo, buraco; jogava todos! Umhas três garrafas pet dessas de dois litros transbordando bolinhas de vidro cintilante ao total. Eram muitas! Mais de quatro tons de azuis: celeste, royal... Bilas verdes, amarelas. Com transparência e detalhe ao centro. As nomeadas *cocão*, pense numhas bilas grandes! Tinha cinco no total. Elas não cabiam dentro das garrafas. Sem falar que era *morte* certa jogar com eles. Eram fáceis de acertar, mas boas de quebrar as bilas dos adversários. Por vezes quebravam as minhas. E eu chorava a perda por uns dez minutos

Eu tinha uma mania de lavar todas as minhas bilas ao final do dia. Elas tinham que reluzir. Eu as deixava de molho dentro d’água e as inspecionava, uma a uma, buscando imperfeições para descartá-las. Não gostava de bilas rachadas, arranhadas ou faltando pedaço.

Me lembro de brincar de caçar passarinho no mato com os meninos. Pegávamos argila na beira do rio e fazíamos bolinhas para que, quando secas, depois de expostas ao sol, pudessem se tornar as nossas munições para caçarmos com nossas baladeiras. Existia um acordo de caçador entre os garotos: aquele que matasse um beija-flor tinha que arrancar o seu coração e comê-lo, se possível ainda pulsando. Era nojento, confesso. Mas era coisa de menino. E os meninos tinham essas promessas que punham a honra sempre à prova. Uma autoafirmação masculina, sei lá.

Eu, sempre na tentativa de exercer o meu papel de menino com maestria, trabalhava duro na feição das bolinhas. Tinham de ficar impecáveis. Minha máxima realização foi quando comprei a minha baladeira do cabo de aço. Foi quando matei o meu segundo beija-flor. Mas não comi seu coração.

Com o tempo, parei de caçar. Além de entediado, fiquei com muita pena dos passarinhos. Descobri novas brincadeiras, fiz novos amigos. Criei a minha própria maneira de ser. Como fui criado na pedagogia do “*pêia ajeita*”, a surra era o único diálogo possível. E, por vezes, fui reprovado. Mas no percurso entendi que as minhas brincadeiras tinham de ser sobre mim, e não sobre como ser o melhor dos meninos.



2 4 7 8 V I A D A 1 7

PRIMEIRO AMIGO

A minha primeira amizade foi uma amizade masculina. Era uma amizade inocente. Comum entre crianças do interior. Amizade de tomar banho em açude; brincar de manja atrepado nos *pau de mato*. Sabe aquele amigo que você passa o dia todo junto aprontando. Era isso.

Tinha uma moita de *mufumbo*, uma planta típica da caatinga, que a gente fazia uma casinha embaixo e brincava. Lá, a gente jogava um jogo que se chamava corpo humano. Mas tudo na verdade era uma desculpa pra gente medir as pirocas. Menino tinha essas brincadeiras de medir as tripas, que era como chamava vovó: “Menino, lava direito essa tripa”, ela gritava quando eu tomava banho de cuia.

Mas, nessa brincadeira de corpo humano, teve um dia em que a gente foi pego pelos primos mais velhos do meu primeiro amigo. Eles tinham entre doze e quatorze anos. A gente sete, ou seis.

Eu sabia que fazer aquilo era errado. Que isso não podia. Por isso, talvez, tivéssemos criado essa casinha distante, lá no meio do matagal, que era pra gente brincar de corpo humano escondido.

No dia do flagra, pensei: vão destruir minha vida. Imagina uma criança pensar isso. Eles foram logo dizendo que iam contar pra todo mundo. Que a gente tava que nem mulherzinha brincando de casinha. Depois de muito amedrontar, eles queriam propor uma alternativa. Se o meu primeiro amigo fizesse com a cabra da casa dele o mesmo que a gente foi pego fazendo, eles não contariam pra ninguém. Tudo ficaria em segredo.

Ele fez. Todo mundo ficou sabendo de tudo. Deixamos de ser amigos.

PICHAÇÃO OU VERSO DE CADERNO?

Com A escrevo amor

Com P escrevo Paixão

Com __ escrevo a letra do *boy* que roubou meu coração

E pronto.



EM SEGREDO

Todos os dias a minha mãe trabalhava. Era uma dinâmica de trabalho muito intensiva. Ela prestava serviço em uma empresa de confecções femininas e a sua rotina de trabalho lhe tomava muito tempo. Por isso, por toda a semana, eu ficava na casa dos primos da minha mãe. Eram quatro ao total. Três homens e uma mulher que se reversavam para tomar conta de mim, durante todo o dia. A casa deles também não tinha ninguém mais velho durante o dia. Então, juntos, eles tomavam de conta da casa e deles mesmos. E de mim, claro. A minha prima era quatro anos mais velha que eu, ela tinha dez anos. Os outros três, quatorze, dezesseis e dezoito anos.

O primo mais velho, o de dezoito anos, era quem mandava na casa. E cabia a nós, crianças, obedecer-lo sem hesitar. Ele era muito tranquilo. Tratava-se de uma casa relativamente grande, fácil de se esconder. Três cômodos em baixo (térreo) e dois em cima. Os quartos ficavam na parte superior da casa. A casa também tinha um acesso muito fácil pra rua, que era onde os dois irmãos do meio passavam o dia todo. Não me lembro deles em casa. Geralmente adolescentes de bairro passam o dia todo traquinando pelo mundo.

Nisso, habitualmente, eram três pessoas que passavam o dia em casa: a prima da minha mãe, o primo mais velho e eu. Geralmente eu brincava muito com a minha prima. Eu sempre gostei muito de brincar com menina. Casinha, boneca, comidinha. A gente sempre se dava muito bem. Mas, com o tempo, eu mal notava a presença dela. Tinha me acostumado a subir e ficar assistindo filmes com o primo lá em cima.

— Ei, tu gosta de assistir uns filmes, né? Pois sobe logo, que vou colocar uns na televisão, se não tu fica aqui embaixo e passa o dia se danando e, pelo menos, com o filme tu se aquieta —, meu primo dizia isso todo dia. E eu comecei a acreditar que de fato isso era o certo a se fazer. Ficar quieto enquanto assistia ao filme.

Já disse que em cima havia dois cômodos, então, assim que você subia a escada, você dava de frente com a porta do quarto do primo mais velho. Lá era o único cômodo que tinha televisão. A organização do quarto era normal, ou talvez eu fosse novo demais para eleger uma bagunça dentro de um quarto de um adolescente de dezoito anos.

Eu subia e assistia alguns filmes com ele. Isso diariamente. Não tinha temáticas específicas. Era o que tivesse passando na televisão. O filme não era importante. Eu tinha apenas que ficar quieto e não “aprontar o dia todo”.

Já sentado na cama, o meu primo batia no colchão como em sinalização de uma espécie de comando para que eu sentasse também. Pouco tempo depois ele indagava o meu distanciamento. Dizia pra eu me aproximar, que estava longe do primo. Eu o fazia então. Passados vinte minutos de filme, ele pegava a minha mão lentamente e passeava com ela entre as suas coxas em uma fricção da qual eu podia sentir toda a planície lisa de seu short, por vezes de táctel ou de algum tecido liso em malha fria. E, caso tivesse algo no bolso, uma chave, moedas, enfim, algum objeto que ocupasse algum espaço entre o percurso, era muito fácil senti-lo pelas palmas da mão, tendo em vista a lentidão e o cuidado com que ele passeava com a minha mão sobre a sua coxa. Como a sua mão era maior que a minha, geralmente ele dominava todo o percurso que a minha fizera. Ele traçava o percurso. Eu apenas assistia àquilo: ao filme.

As sessões pervertidas foram se tornando corriqueiras. Pelo menos duas vezes na semana. Minha mãe me deixava lá logo cedo. Eu brincava um pouco pela manhã. Os primos do meio saíam pela tarde para a rua e a minha prima simplesmente desaparecia em casa. E eu, eu subia para assistir a filmes com o primo que cuidava de todos nos.

Com o passar do tempo, as fricções já não bastavam. Lembrome quando ele me pediu para sentar em seu colo. As cavalgadas

pareciam até uma brincadeira divertida. Ele me punha em seu colo e me balançava — hoje vejo mais como um “roça-roça” — , mas antes eu achava, de início, que era uma brincadeira nova.

Não demorou muito para que o próximo passo se efetivasse. Nas fricções, eu sempre notava algo de duro no seu calção. Mas desconhecia do que se tratava. Até que um dia o meu primo me mostrou o que de tão pulsante se escondia dentro do short. Estávamos a sós, como de costume. Ele usava jeans dessa vez. Um jeans azul básico com um zíper em tons de ouro que dava caminho ao objeto pulsante dentro do short. Sim, isso eu sei por que, neste mesmo dia, ele botará pela primeira vez para fora do short o seu pênis. Ele abriu o zíper e estava de cueca branca, dessas comuns, e que demarcava uma espécie de circunferência na horizontal. Lembro que quando vi aquilo não entendi. Ele tirou pra fora da cueca. Era grande. Estava melado de alguma coisa que julguei nojenta e que grudava. Perguntou se eu sabia o que era e em seguida disse pra eu pegar. Disse que não sabia, mas peguei. Ele falou que, caso quisesse, poderia colocá-lo na boca. Não quis. Não o fiz. Não nesse dia.

Era o nosso segredo. Eu não podia contá-lo pra ninguém. Pense aí, uma criança de seis anos já aprendendo que na vida existem segredos. Sendo obrigada a guardá-los para que outro não fosse punido. Sim, ele me dizia que poderia morrer se alguém descobrisse isso. Que o meu pai tinha uma arma em casa e iria

usá-la com ele. Nisso, eu, por ter a figura do meu pai como defensor, e por saber da existência de uma arma em casa, me amedrontei diante da situação.

O abuso foi se estendendo durante anos. Acho que perdi a conta de quantos filmes assisti. Será que os via de fato? Ele se casou, mudou de casa, foi viver com a esposa. Mas as nossas sessões de filmes continuaram. Sim, por cerca de seis anos. Não entendo ao certo o porquê, mas é como se o meu corpo tivesse dito que gostava daquilo. Eu já sabia que os filmes sempre iriam acabar daquele jeito. Na verdade, não demorou muito pra eu perceber que os filmes foram, na verdade, uma grande desculpa para subirmos e ficarmos sozinhos. O meu corpo já sabia. Ele sinalizava isso. Foi sexualizado.

MUITO FEMININA

A minha mãe uma vez me disse que, quando criança, eu brincava com uma toalha na cabeça. A verdade era que eu adorava dançar de toalha na cabeça junto com a minha prima. A gente até se vestia às vezes com as roupas da minha vó. Uns vestidos longos de arrastar no chão. A minha vó era a única que me deixava ser feminina completamente. A minha tia sempre dizia:

“Menino *amulherzado*, sai da cozinha!”.

Eu tinha que prender a franga, né!? Do contrário, virava chacota da família.



CABAÇO

Cabaço

substantivo masculino

1. fruto da cabaceira; cabaça
2. *tabuísmo*; o hímen;
3. *por metonímia tabuísmo*
mulher ou homem virgem
4. *figurado tabuísmo*
estado ou condição da mulher ou do homem virgem;

Eu sei o que você tá pensando. O que é que uma criança de oito anos queria falando de cabaço. Mas é que sempre ouvi por aí que cabaço é quando a gente é virgem. Ele, o cabaço, é um corinho que tem na piroca da gente e que, quando a gente *pimbar* de verdade, ele vai romper, vai sair sangue, e a gente se torna um homem feito. Pelo menos é o que eu sempre ouvi as tias lá da rua dizer. Isso até chegar o dia em que eu perdi o meu.

Lá perto de minha casa tinha uma casa de veraneio bem verde e grande. Ela era branca com detalhes de madeira artificialmente colorida em tons esverdeados da cor de palha de coqueiro. Ao redor da casa, que era muito grande por sinal, tinha muito mato. Mas muito mato mesmo. Fazia tempo que ninguém aparecia por lá. A casa era meio abandonada. Uma casa presa no verde do mato.

Além desses matos, lá também tinha um pé de cajueiro que ficava entre a casa e uns quartinhos de fundo, e de frente para um banheiro que, não sei por quê, *vivia* sempre aberto.

Era sagrado. Todo sábado, quando não tinha aula, eu e o meu amigo ia nessa casa pegar caju e castanhola. Era tão bom comer as frutas direto do pé. E tu sabe criança como é: adora uma aventura e uma diversão. Essa casa era como um refúgio para mim e o meu amigo. O nosso clubinho, talvez.

Eu tinha cerca de treze anos já. Ardeu foi muito, mas não saiu sangue em excesso. Eu achei foi estranho, sabe, porque ele estava me masturbando com tanta força. Não sei bem como o que se sucedeu, mas meu pênis, devido à voraz velocidade com que ele me masturbava, rompeu o hímen e começou a sangrar. Acho que foi aí que perdi a virgindade.

Ele tinha o quê, uns vinte anos de idade?

PAULET

Era um travesti que morava na minha rua. Sim. As pessoas usavam o artigo indefinido masculino para se referir a ela. Para mim, era apenas Paulet. Uma mulher alta, magra e diferente das outras mulheres.

Paulet era muito comunicativa. Uma mulher que se diferenciava das outras mulheres do bairro. Paulet sempre aparecia lá em casa. Mamãe ainda trabalhava com costura nessa época. Por vezes, me lembro de Paulet sentada em um banquinho conversando com mamãe enquanto ela costurava. Algumas vezes ficava para o almoço, outros só dava uma passada rápida. Mamãe às vezes a presenteava com peças de roupas suas. Éramos muito pobres, mas mamãe ajudava sempre que podia. Era como Deus queria. E Paulet não tinha família no bairro. Paulet era sozinha.

Não pode ser viado. Essa era uma máxima que carreguei durante toda a minha infância vorazmente religiosa. Era isso que tinha na Bíblia. Era o que ela (Bíblia) dizia. A família da minha mãe é toda católica. E a minha mãe é evangélica. Então, eu cresci em um universo totalmente dogmático, apinhado de regras e regido por punições. E elas eram cruéis. Não alcançar a

vida eterna era a pior delas. E você sempre deseja o céu quando morrer. Principalmente quando se é criança.

Eu aprendi a ler com a Bíblia. Sim. Sempre fui uma criança curiosa, que queria entender das coisas. E a Bíblia é um texto que teoricamente prova alguma coisa, né. Se Deus fala aquilo é porque é o certo. Então, tratava-se de um texto histórico que dizia verdades (risos). Pelo menos eu achava isso antes de conhecer a Filosofia...

Então, se era Deus que dava orientação para fazer aquilo, logo, aquilo era o certo a ser feito. Religião é esse mecanismo social e político de gerir um grupo, né? De se ter uma sociedade no meio da sociedade maior. A igreja tem as suas escaladas sociais. Tem a sua periferia. Tem os trabalhadores. Tem a classe dominante. O pastor; o presbítero; o diácono; o obreiro. A mulher do obreiro. A mulher *não sei de quem...* Nunca a pastora! No máximo, líder do conjunto de senhoras. A religião é esse mecanismo de controle social: ou você segue, ou você é rechaçado.

Até me recordo da última vez em que vi a Paulet. Cabelo raspado, calça jeans e uma blusa frouxa azul gola polo. Bíblia embaixo do braço. Lembro-me de ouvir as pessoas dizer que estava curada. “Deus a salvou”, pronunciavam. E agora ela voltara a ser o que sempre tivera predestinada a ser: o que Deus quis que fosse.



BOMBOM PIPPER OU SONHO DE VALSA?

O dicionário informal disponível no *Google*, que é a nossa nova ferramenta de busca de significados e conhecimento, define uma criança como *um ser humano que se começa a criar; [fig.] pessoa de pouco juízo, ingênua; do latim creantia, participio presente neutro plural de creare, «criar; fazer crescer*. Mas eu, eu definiria uma criança pelos doces que ela come. Não consigo imaginar uma só criança em todo o universo que nunca tenha comido sequer um doce na vida. Nadinha. Nem mesmo que escondido. Ainda que sem querer. Pirulito, chiclete, aqueles bombons que prega no dente; Nucita — gente, eu amava as Nucitas de três cores —, e tantas outras guloseimas disponíveis. Não tinha um dia que eu não chupasse um bombom quando era criança. Mamãe sempre dizia: “Menino, teus dentes vão tudo ficar podre, cair, e tu vai ficar banguelo”. Mesmo sabendo, não tinha jeito. Eu desafiava e comia mesmo assim.

Lá na rua de casa, tinha o tio da bodega. Um senhorzinho de seus quarenta e poucos anos. Era ele quem gerenciava a bodega de doces. Uma bomboniere, na verdade. Era um espaço em retângulo que se esticava *muitão* até os fundos que, ao final, dava em sua casa. Ainda me lembro. Tinha um balcão alto que quase que eu não alcançava. Ele era de madeira com detalhes de vidro sempre muito limpo, que era pra dar para ver todos

aqueles doces convidativos: pirulitos, biscoitos e caramelos. Caixas e mais caixas de chocolate. Tinha da Lacta, Garoto, Nestlé, Arcor. Tinha as tartaruguinhas... Meu Deus! Eu lembro que tinha pelo menos uns quatro daqueles potes *de três*. Mas o que diabos é pote *de três*? Eram uns potes que giravam e que você colocava a mão dentro e selecionava entre os milhares de bombons disponíveis. Chama-se “pote de três” por que tinha três entradas para encher os seus respectivos potes. No tio do doce tinham três potes desses, um com três tipos de balas, um com chocolates (ouro preto, sonho de valsa e serenata de amor) e outro com pirulitos variados. Vários pirulitos de todos os tamanhos.

Nas prateleiras que ficavam à esquerda, por trás do balcão, tinham mais e mais doces. Uns pirulitos grandes em círculos coloridos, chilitos, pipocas doces e salgadas, e outros chocolates que não lembro o nome. Tinha caixas daqueles chicletes da tatuagem, Batom Garoto, Big Big, Baba de Bruxa e *Kryptonita*. Era um lugar muito doce. Por vezes, o tio também vendia bilas. E lá também tinha uma máquina de bola de gude. Dessas de vinte e cinco centavos, que a gente coloca a moeda e a bola sai.

Já era certo. Qualquer dinheiro que eu ganhasse eu corria pra lá pra gastar comprando doces. Eu era como formiga em açúcar destampado: morria de overdose, mas não largava da glicose. E o melhor, o tio sempre me deixava escolher os bombons. E

confesso: eu sempre pegava mais. Eu acho que ele sabia, mas ele nunca dizia nada.

Lá onde eu estudava também tinha *uma outra* bomboniere. Mas essa era menor. De cantina. Com menos opções. Mas a verdade é que eu nunca gostei muito de andar pela escola no intervalo. Eu lembro que na minha escola tinha um pátio, com muitos brinquedos. Eu até gostava de brincar às vezes, mas não era sempre.

Teve uma vez que deu o recreio e eu corri pra o intervalo direto para o parquinho. E eu lembro que tinha uma menina que estudava na sala da frente da minha que sempre ficava me chamando de viado. “Olha a meninazinha! Ele brinca que nem uma mulherzinha. Viado!” ela dizia. E eu tinha muito medo dela. Eu sofria muito, porque eu não entendia o que era viado. Por vezes, quando eu a via, eu fugia, mudava a direção a fim de não ouvir os insultos. Falho. Como uma praga, ela me perseguia e proferia sempre a mesma sentença.

Ela era a pessoa que fazia *bullying* comigo no ensino fundamental. E eu nunca fui de brigar, sabe. Sempre fui uma criança quieta. Calada. Medrosa. Eu morro de medo de briga. Se eu via uma briga no recreio, eu já me tremia. Eu não sei se eu conseguiria bater em uma pessoa se o meu sangue subisse à cabeça. Eu não sabia. Mas nesse dia não deu.

Eu queria comprar um bombom Pipper naquele dia. Por que na escola só tinha, ou bombom Pipper, ou uns caramelizados que pregam no dente. Talvez fosse mais barato revender esses, não sei. Mas eu estava com muita vontade de comer algo doce nesse dia. E, embora eu estudasse apenas pela tarde, eu não estava querendo mais comprar bombom lá na bomboniere do tio da rua. Não quando eu me lembrava do que tinha acontecido...

Eu tinha ganhado um real de mainha nesse dia. E, gente, um real era muito bombom Pipper na escola, mas também eram quatro chocolates no tio da esquina. Então, fui escolher os meus chocolates. Quando eu cheguei lá, ele estava no balcão. Tinha chegado um *freezer* novo, já perto dos fundos, e nesse *freezer* tinha picolé. Não sei vocês, mas eu era uma criança que saía de casa pra comprar uma coisa, e voltava com outra. Sempre. Parecia uma coisa. Mamãe era que falava: “Esse menino não sabe o que quer”. Então, tinham esses picolés novos, e eu fui até o freezer para escolher o sabor que eu queria. Por que tinha muitos e eu queria ver e escolher. Como era de casa, entrei.

Adentrei aos fundos, já próximo à casa do tio dos doces. Quando eu cheguei ao *freezer*, ele estava ainda trancado. Uma tranca dessas “nos truques” de chave pequena. De súbito, por trás, o tio chegou, dizendo que ia abrir o freezer. Lembro de sentir ele me apertando as costas. Meio que me abraçando sem os braços, entende. Acochando-me entre o *freezer* e o seu corpo

velho. Então ele perguntou se eu gostava de picolé. Disse que sim. Adorava. Em seguida, deu um passo pra trás e sacou pra fora o seu pênis. Sim, eu pude ver aquele pênis grande, já duro na minha frente. Ele começou a me tocar, desceu o meu short e ficou me esfregando todo. Eu travei. Mas não fiz nada. Foi a primeira vez que eu vi um pau de gente grande na minha vida.

Eu estava descendo no escorregador, e por vezes ela gritava: Olha o viado! Olha o viado! E eu já estava cansado disso. Todo mundo estava rindo de mim. Rindo alto. Aí teve uma hora que eu não aguentei. Eu desci uma última vez no escorregador, e, ao final, enchi a minha mão com o máximo de areia que eu pude segurar e a lancei em seus olhos, depois a empurrei no chão e finalizei com duas ou três pisoteadas. Fui feliz nessa hora. Fomos todos para a direção depois disso.

Eu estava aos prantos. Eu chorava incansavelmente. Não sei se era por ter ferido ela ou se era por estar ferido comigo. Viado. Viado. Isso por vezes martelava a minha cabeça. E até eu conseguir falar para a diretora do que ela me chamava. Que era de viado que ela estava me chamando. Foi a maior dor. Isso me doeu muito. Eu não queria ouvir falar disso de novo. Não queria que as pessoas falassem isso de mim. Como se a culpa do agressor não existisse. E eu me sentia duplamente culpado. E fui. Sujo de areia, saí da diretoria como um menino malcriado

que bate em menina indefesa. “Não se bate em mulher”, eles disseram, me recriminando. Chorei muito.

Mas acontece que depois eu comecei a ir. Não sei se por curiosidade, ou até por que muitas das vezes eu esquecia. Eu ia comprar bombom, e ele, por algumas vezes, me mostrava o pênis, mandava eu pegar, e ia e pegava, mas logo corria com medo. Medo de alguém ver. A verdade era que eu também esquecia do que acontecia. Até que acontecesse mais uma vez. E isso foi se estendendo até o dia em que ficou mais sério.

Ao mesmo tempo em que eu queria ir, eu me arrependia depois e ficava com nojo. Mas, na minha cabeça, essa era a única forma no universo que eu tinha pra entender o que estava acontecendo comigo. Por que a menina da escola me chamava de viado?

Acho que hoje eu não consigo ser passivo por causa dessa época. Porque teve uma vez que ele tentou de fato me penetrar. Eu lembro que ele colocou manteiga no pênis dele, que era pra deslizar. Eu me lembro: ele tentou me penetrar da última vez que eu fui lá comprar chocolates. Depois, eu fui pra casa me lavar no banheiro e vi que, além da manteiga oleosa, a minha bunda tinha sangue. Muito. E isso me desesperou. Desde então, eu só comprei bombons Pippet na bomboniere da escola. Era menos doloroso.

“Por que, pra mim, essa foi à forma de descobrir. Eu não queria que eu tivesse descoberto daquele jeito. Mas a minha história foi essa. Eu descobri assim.”

recomenda-se ver o videoclipe da música **colégio do cantor **Rubel***

IDENTIDADE

Você não é nem o nome que carrega.

Até isso lhe foi dado.



TIME

Parecia ser legal ter um time. Todos os garotos da escola torciam para um. E os da rua lá de casa também. Flamengoistas, vascaínos, corintianos... Esses eram os times mais populares entre os meninos da terceira e quarta série. E mais, todos tinham suas blusas de time. Gente, os aniversários de meninos. O tema das festas infantis por vezes era futebol. A criança elegia um time — o seu time —, e esse era o tema da festa. Dos presentes, bolas e mais bolas (e mais bolas). Nunca me lembro de ter tido sequer uma camisa de time até hoje.

Na minha cidade, a gente não tinha essa de escolher entre Ceará e Fortaleza, não. Eles nem contavam pra gente, acredita? Mas, por vezes, o meu irmão me cobrava um. Um time pra eu torcer. No videogame, lembro de meu irmão jogar *Fifa Soccer*, e de ele mesmo criar todo o seu time virtual no jogo. Era uma obrigação meninos terem um time. Então, eu tinha um time também. Mas, para mim, era muito indiferente o futebol. Eu até corria muito, quase ninguém me pegava na *carreira*, mas é que eu não via muito sentido em perder o meu tempo correndo atrás de bola.

Eu sempre tive foi medo do futebol. Muito. Tinha medo de contusão, medo de levar uma *bomba*, ou melhor, uma bolada. Era certo. No recreio da escola onde eu estudava tinha uma

quadra. Sim. Uma quadra “por fazer”, fazia anos que esperava uma reforma, uma cobertura para proteger as crianças do sol, e acho que até hoje não a fizeram. Essa quadra tinha em sua lateral esquerda uma parede de arquibancadas de concreto em tons de amarelo descascados. Ao final da arquibancada, via-se uma estrutura que mais parecia um cemitério de cadeiras. Dezenas de cadeiras jogadas. Inutilizadas.

Era nessa quadra que tinha o jogo no recreio. Os meninos maiores do Fundamental II sempre jogavam bola durante o intervalo. Ao tocar o sino, todos se misturavam. Grandes e pequenos. Nesse espaço de vinte minutos, depois da merenda, eu brincava de manja com as outras crianças. E era certo levar bolada no recreio. Porque a gente corria pela quadra, e os garotos maiores simplesmente chutavam a bola para pegar nos menores. O que me parecia ser por motivo algum, hoje faz sentido. Talvez eu levasse bolada por ser uma criança viada. Ou talvez estivesse sempre no local errado na hora errada. No recreio.

Sobre o meu time, elegi o São Paulo. E isso só corroborou o *bullying*. São Paulo era tido como time de boiola. Então, já dá pra perceber que a minha tentativa de me inserir no universo futebolístico foi um desastre. Por vezes, negava a minha escolha. Omitia o meu time. Já o meu, ele trocou o dele tempo depois que o elegi como meu.



Bia Leite - Eduardo ahazani 100cm x 150cm

ME PASSA O CONTROLE?

Bastava pular o muro que já era a casa deles. Então eu ia e passava o dia todo lá jogando vídeo game. Erámos eu e mais três irmãos de nove, doze e quinze anos. Eu acho que eu tinha uns onze, talvez. Mas eu era a única criança que era afeminada. Eu dançava *É o Tchan!* em todos os aniversários dos quais eu ia. Eu lembro que sempre tocavam as músicas deles nos aniversários de criança, e eu estava lá, performando.

A gente jogava, os quatro garotos. Geralmente, a mãe e o pai deles passavam o dia fora, ou estavam organizando alguma coisa. Ficávamos com o mais velho. Eu não sabia jogar muito, mas mesmo assim eu me divertia. Eram dois controles pra quatro pessoas. Por vezes, eles brigavam pelo controle. Eu nem ligava. Tanto faz. Porque a gente tinha criado uma diversão paralela. Enquanto dois deles jogavam jogo, os outros dois brincavam de troca-troca. Sabe o que é, né? Era tudo muito organizado, que era pra não levantar suspeita. O mais velho gerenciava e nos três obedecíamos. Eu era como a menina deles. E eu gostava disso. Sempre morria, que era pra passar logo o controle.

eu só ouço a minha voz que brando

o sién

cio

c
ar li nhos

JILL VALENTINE

Ela era uma policial. Isso mesmo. Uma policial do Serviço de Táticas, Armamento e Especialidades em Resgates Seguros (*Stars*) buscando se salvar em meio a uma cidade devastada por um vírus que transformava as pessoas em mortos-vivos; ditos malditos zumbis. A cidade era *Raccoon City*. Ela, a personagem, amanhecia dentro de uma espécie de galpão em chamas cercado por vários zumbis loucos por sangue. O jogo se iniciava exatamente nesse cenário descrito. E a Jill, sempre com sua boa metralhadora carregadíssima — sim, eu jogava no modo *easy*, claro.

Jill foi a primeira protagonista mulher da franquia de jogos *Resident Evil*, desenvolvida pela *Capcom*, a ganhar uma edição do *game* só para si. Isso mesmo. Ela era a única personagem disponível para jogar no *game Resident Evil 3: Nemesis*. Que era o meu jogo favorito. E isso era demais. Um jogo em que o jogador era uma mulher (simulação virtual) e que lutava pra sobreviver nessa cidade sitiada. Este mesmo jogo também inaugurou o formato *Nemesis* de chefe, que é quando o jogador enfrenta o “chefe” do jogo mais de uma vez. E isso acaba deixando o jogo mais difícil e eletrizante, sabe. Eu me lembro de que era sempre muito tenso cruzar com o *Nemesis*, porque era sempre em lugares aleatórios; ele chegava com uma

bazuca enorme, atirando e dizendo “stars!”, e depois gritava um grito de horror. A Jill ficava desesperada. E eu também.

Isso era o quê, 2001... 2, a gente tinha acabado de mudar. Mais uma vez. A gente vivia se mudando. A minha mãe gostava de mudar de casa sempre que podia. E, como a gente vivia de aluguel, isso acabava facilitando as muitas mudanças que enfrentamos durante a vida. Em muitos aspectos. Lembro de já ter mudado umas três vezes nessa época. E eu tinha, sei lá, 9 anos de idade, já? Sim, terceira série. Inclusive, lembro de a gente ter mudado no finalzinho do ano — isso, era dois mil e um, mesmo, finalzinho —, não teve nem tempo de mudar de escola. Então, com a mudança, eu ia sozinho de ônibus todos dias pra escola que ficava em outro distritozinho. Eu me sentia a própria Jill, de boas por aí, desbravando o mundo sozinho.

Lembro de dois amigos que a nova mudança me deu. Mais novos amigos. Isso, claro, depois de um tempo. Já tinha passado a Copa de 2002 que inclusive foi a copa em que o Brasil se tornou penta, isso no Japão. Eu me lembro porque os jogos eram pela manhã, e, como eu estudava nesse horário, não tinha aula em dias de jogos do Brasil. Os meus dois amigos, um é o Cristian, negro, cabelão grande como o meu, meu parça; e o outro se chama Andrei. Cristian era filho de uma amiga de mamãe. Eles moraram na mesma rua que a gente, só que já era quase na descida da praia. A casa de Andrei ficava logo ao lado.

Uma casona de dois andares. Na verdade — corrigindo —, hoje a casa dele é quase um quarteirão de tamanho. A família dele comprou a casa que morei e juntou tudo. O enlace era que a família de Andrei morava oficialmente em Fortaleza, a mãe dele já devia ser envolvida com política nessa época, se não me engano. E, por trás da casa do Andrei, ficava a casa dos avós dele. Era uma casa desabitada e estava sempre fechada. Era lá que nós três brincávamos.

A gente fingia que éramos jogadores de *Resident Evil*. Melhor, a gente fingia que estava dentro do jogo. Vivendo ele. Nós três eramos muito viciados no jogo. Demais até. O meu irmão até tinha um *Playstation*, inclusive, era nele que a gente jogava antes, mas daí aconteceu de o *play* dar pau. Então, eu me lembro que Andrei pagava na locadora de videogame e a gente jogava. Ele pagava de horas, e eu ficava lá, jogando... Por que assim, nem ele, nem Cristian sabiam jogar. Eles ficavam me assistindo enquanto eu passava de tudo. E *Resident Evil* é um jogo grande.

Durava horas. Era tão grande que a gente salvava o jogo no *memory card* da locadora e jogava à prestação. Andrei pagava de boas. Dinheiro não era problema para a família dele. Sempre tinha chocolates na casa dele. Ele tinha o dinheiro e eu sabia jogar. Simples assim. Eu tinha aprendido a jogar vendo o meu irmão mais velho jogar. Me lembro de passar noites e noites

assistindo-o no *play*. Ele zerou *Resident Evil*, *Silent Hill*, *Metal Gear Solid*, *Tomb Raider*... E eu vidrava só em assistir. Era massa. Então aprendi a jogar também.

Jill era uma personagem muito forte. Ela tinha que enfrentar tudo sozinha. Tu pensa aí, ela já tinha escapado da casa/laboratório/floresta, que é o cenário do primeiro jogo. Por que assim, o *Resident Evil 3: Nêmesis* é ambientalizado um pouco depois — cronologicamente —, do primeiro *Resident*, e meio que concomitante com o segundo, também situado na cidade *Raccoon City*, mas em alguns locais distintos, com outros personagens... Enfim, é uma grande história.

A verdade é que eu sempre quis ser a Jill Valentine. Sério. E isso se perpetuou por muito tempo. Sei lá. Dizem que Freud fala que o inconsciente guarda um reflexo oculto de você. Principalmente da infância. Para ele, a infância é uma das fases mais importantes para a formação do eu. E que, às vezes, ou isso — as lembranças —, ficam lá, recalçadas no inconsciente; ou vem à tona de uma forma muito expressiva. Não sei.

Só sei que a primeira vez que eu me *vesti de mulher* — e isso foi em um concurso de miss gay, tinhas uns 16 anos, acredita? GRIIIITOOO —, então, na primeira vez que eu me *montei*, o meu nome era Jill. Jill Dalí, melhor referência rrsrsr.

A casa dos avós de Andrei se tornava a própria *Racoon City*. Era certa a diversão. A gente bolava os códigos, montava as estratégias. Construíamos o jogo todo: armas, plantas, que no jogo era como uma espécie de cura (*life*) e que mantinha a Jill viva no jogo. Então na casa dos avós de Andrei tinha que ter também. A gente rodava o quintal da casa toda. Eu, claro, era a Jill. *Jill Valentine*. E tudo era de boas. Cristian era um zumbi e Andrei era *Nêmesis*. Eu lembro que, nas férias, depois de jogar na locadora, a gente passava a tarde toda brincando lá. Brincando de *Resident Evil*. E nunca foi um problema para eles eu ser a Jill. A gente se divertia era muito.

DAS DÚVIDAS QUANDO CRIANÇA

Eu sempre fui muito romântica. Para mim, o sexo não podia ser uma coisa banal. Por isso tinha esse lance de ser proibido, de ser um tabu. Eu cresci numa religião. É diferente de quando você procura uma religião para um conforto político; conforto da alma; conforto mental. Para pacificação do eu. Nestas condições, você, de alguma forma, está procurando um consolo nessa religião. Só que, quando você nasce lá dentro, você não questiona por que você não tem escolha. Você não tem opção de acreditar nisso. Você tem que crer. Porque tudo é ensinado a você como verdade absoluta: é o que meu pai ensinava todo dia, o que a minha mãe falava com ele todo dia, entendeu. Apesar de os meus pais terem me criado com essa maneira muito livre de “o mundo foi feito em sete dias, porém isso é uma parábola, o tempo para Deus é relativo, a criação do mundo pode ter durado milhões de anos, como também pode ter durado menos”, eles sempre diziam. Tanto é que nenhum momento o criacionismo reinou lá em casa. Sempre tive consciência da evolução da humanidade aliadas às palavras de Deus. Porém, isso é uma coisa que para uma criança de oito anos, já passou, né!? E, se é passado, é factual. E é justamente isso que me assustava, porque o que tá escrito como futuro pode acontecer também.



DOIS DEDOS

Bem, o Ensino Médio foi quando eu pude conversar mais abertamente sobre sexo. Só assim percebi tudo o que tinha acontecido. Que perdi a minha virgindade com ele. E que foi ele quem me iniciou sexualmente.

Ele tinha uma pequena *lan house*. Era ele mesmo quem administrava tudo. Aqueles pontos de bairro que você mora e trabalha no mesmo lugar, sabe. E, na minha adolescência, *lan house* era um ponto que dava muita gente. Era point do jovem. O computador e a internet estavam em ascensão.

Nisso, eu sempre ia lá para acessar, mas mais ainda quando queria gravar CD. Eu costumava baixar as músicas que eu gostava muito e depois gravava todas elas em um CD para poder ouvir em casa quando quisesse. Nessa época tinha a Miley Cyrus, da Disney, que era uma adolescente mais minha *vibe* e eu gostava muito dela. Então, a maiorias das músicas que eu baixava era dela. Da minha cantora favorita.

Geralmente eu ia à *lan house* em horários propícios. Também não ia chegar lá quando tivesse muita gente, ou muito menos quando a esposa dele estivesse lá. Então, eu tentava chegar em horários predeterminados. Era complicado, tendo em vista que

na época nem rede social tinha. Mas habitualmente dava certo. Fazíamos a situação.

Na maioria das vezes a gente se pegava. Corpo a corpo, mas sem beijos. Ele não gostava, e nem eu. Eu o chupava até ele gozar. Já ele gostava muito de chupar os meus peitos. Me assustava, às vezes, porque ele tinha uma certa tara em mim, me chupava forte, deixava marcas. Era voraz a forma como ele desesperadamente mordida e lambia os meus peitos. Chegando a machucar muitas das vezes. Nessa época, o meu seio estava crescendo muito. A minha mãe até se preocupou, pensando que eu estava tomando hormônio feminino. Sim, por que todo mundo acha que, por que você ser gay, você quer ser mulher, então toma hormônios femininos a fim de se tornar uma.

Num certo dia senti que ele estava diferente. É tanto que ele tirou as minhas calças, apertava a minha bunda com muita força. Ele batia nela enquanto eu o chupava. Foi quando eu percebi que ele realmente não estava querendo mais ficar só naquilo. Na verdade, para mim, seria só aquilo, mas ele queria mais. Ele queria penetração.

Esse conflito estava sendo travado em minha mente nesse instante, enquanto o meu corpo apenas continuava envolvido e eu o chupava incessantemente. Não demorou para que a minha batalha interna fosse externalizada, não por mim, por ele. Em um dado momento, entre os molhados cuspes que pingavam de

minha mão em atividade, ele, como quem não quer nada demais, me pediu pra colocar *dentro*.

Súbito. Parei na hora. Fiquei temeroso. Já havia sido penetrado antes, mas com outras crianças da minha idade, no máximo dois anos mais velho, tipo quatorze anos, mas nada demais, nada de muito grande. Nem demorou, nem hesitei e logo neguei o pedido sem dúvida.

Não satisfeito, ele então sugeriu colocar um dedo apenas. Disse que colocaria devagar, que eu controlaria a entrada do dedo e que, caso doesse, podia andar para frente, a fim de retirar o dedo de dentro. Eu afobado, pensei: um dedo, mas o dedo dele era grande, dedo de homem, era muito grosso, mas grosso até que os pênis dos meninos que já ousei fazer o “troca-troca”. Ele insistiu um pouco mais, reafirmou todas as oposições que eu poderia fazer caso não gostasse e, dadas às circunstâncias, consenti. Ele então me virou de costas e logo em seguida colocou o dedo. Eu senti uma dor terrível. Por que não era muito grande, mas era grosso. Foi daí que eu senti que não era só o dedo. Só que ele estava atrás de mim, falando: “É só o dedo, é só o dedo”. E a dor durou por dois minutos intermináveis. Os mais longos de minha vida.

Depois que ele fez o serviço — sim, porque hoje me senti em um serviço de *delivery*. Depois do consumado, eu fui ao banheiro e vi que estava sangrando. Foi aí que me desesperei.

Eu não sabia realmente se ia parar de sangrar. Se ia ficar sangrando para sempre. A minha única iniciativa era ficar passando o papel higiênico para ver se estancava e parava de sangrar.

Enfim, aconteceu normalmente para ele. Ele simplesmente acabou o serviço e reabriu a *lan house*. E eu, eu voltei para casa como se nada tivesse acontecido também. E fiquei com aquilo na cabeça: será que eu perdi a virgindade. Foi isso que aconteceu?

25 DE DEZEMBRO

Quando chegam essas datas, essas datas comemorativas em família. São nelas — nessas benditas datas —, que você se dá de conta do quanto que a falta faz. Faz de conta que nada te aconteceu. Nada. Abraça a vida que te sorri que passa.

“**Tudo passa**”, eles dizem.



DOS PRIMEIROS BEIJOS

Lembro intimamente de que tinha um menino muito lindo lá na escola onde eu estudava quando criança. Erámos, respectivamente, da segunda e terceira série de uma escola patronal religiosa que tinha no centro de Fortaleza.

Teve uma vez, era junho, São João, mês dos namorados. Ele ia dançar quadrilha com uma menina da turma dele. E eu não. Eu não dançava. Na verdade, eu só queria dançar se fosse com outro homem. E isso estava permanentemente proibido, segundo as leis de Deus e da diretora da escola. Nessas condições, não dançaria com uma menina. Pra ser sincero, a única coisa que me permiti iniciar com uma menina foi o meu primeiro beijo. Sim, a primeira vez que beijei foi aos seis anos de idade, ainda me lembro. Foi com uma amiguinha de classe. Meu propósito neste caso era infalível:

eu queria treinar para quando fosse beijar pra valer pela primeira vez.

EU FIZ O QUE PUDE

Era o que meu irmão dizia quando as pessoas questionavam a minha sexualidade. Por vezes eu até pensei: será que ele fez mesmo? Não me lembro de ter percebido isso, ou na verdade era por que eu realmente gostava das coisas de homem que ele sempre se dispôs a me ensinar. Me ensinar a ser homem. Ele até me disse uma vez, nessas conversas sobre tentar me ajudar a ser homem, que uma das vontades dele era que nós dois dividíssemos as namoradinhas. “Tu é garotão”, ele dizia. Não mesmo! O fato é que isso já não importa mais. Hoje, é formidável saber que para ele é muito de boas quando eu dou *uns pega* nos amigos “hétero” dele.

EU NÃO QUERIA

Desde muito cedo eu sofri o que hoje chamam de *bullying*. Além de ser uma criança viada, com “trejeitos expansivos”, falante e apontada como mulherzinha na escola, eu também fui gordinho desde sempre. Não me lembro de uma versão de mim que não fosse, digamos, redondinha e fofinha. Na verdade, nunca pude me imaginar em outra situação, tendo em vista que todos os dias *me* era lembrado incansáveis vezes por todos de que eu era uma criança gordinha e que isso não mudaria. E não mudou.

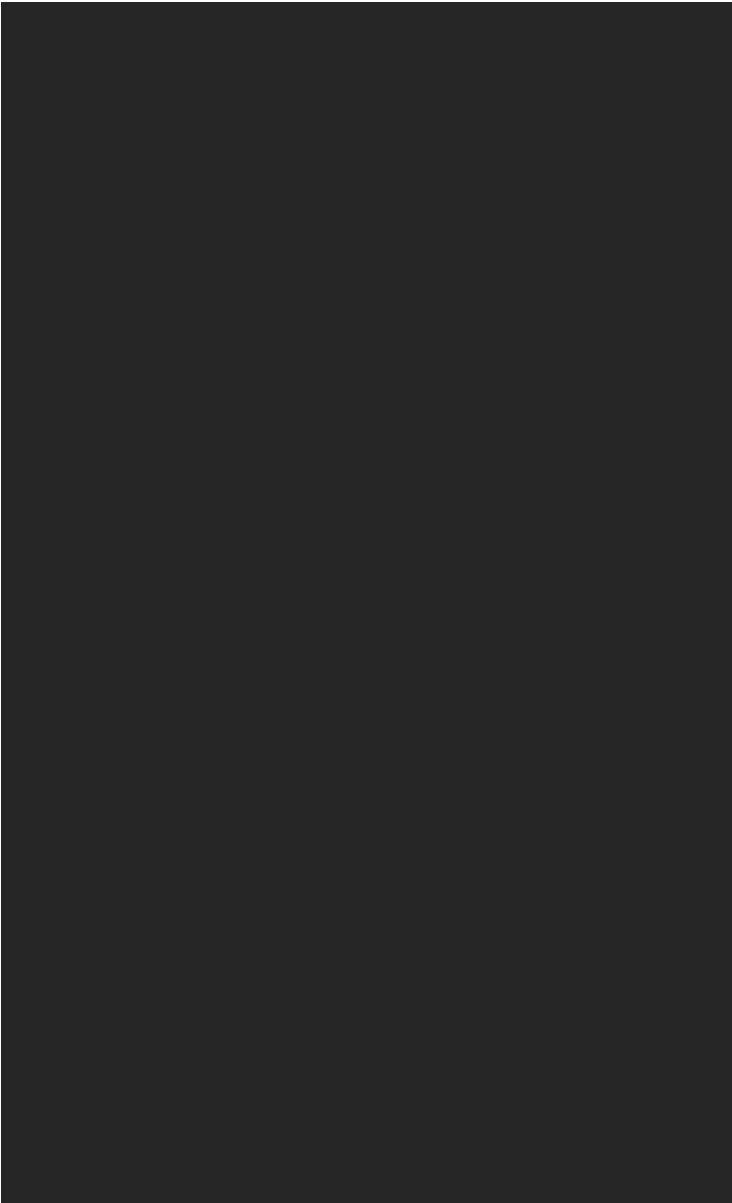
Eu já vivia fora dos círculos de amizade dos meninos. Eu só queria teatro, dança, essas coisas ligadas à arte de se expressar. Sempre fui tachado como expressivo. Uma vez eu até tentei fazer karatê, por que tinha que me inserir de alguma forma no universo masculino, mas não deu muito certo. No fundo, eu não queria.

Na época, eu sentia muito medo de represália, sabe. De que a minha vida fora da escola se tornasse uma espécie de extensão do *bullying* que eu já sofria lá. Porque, assim, o núcleo de crianças era sempre o mesmo. As crianças da escola eram as mesmas crianças que brincavam na rua, que eram as mesmas crianças que faziam Educação Física, que eram as mesmas

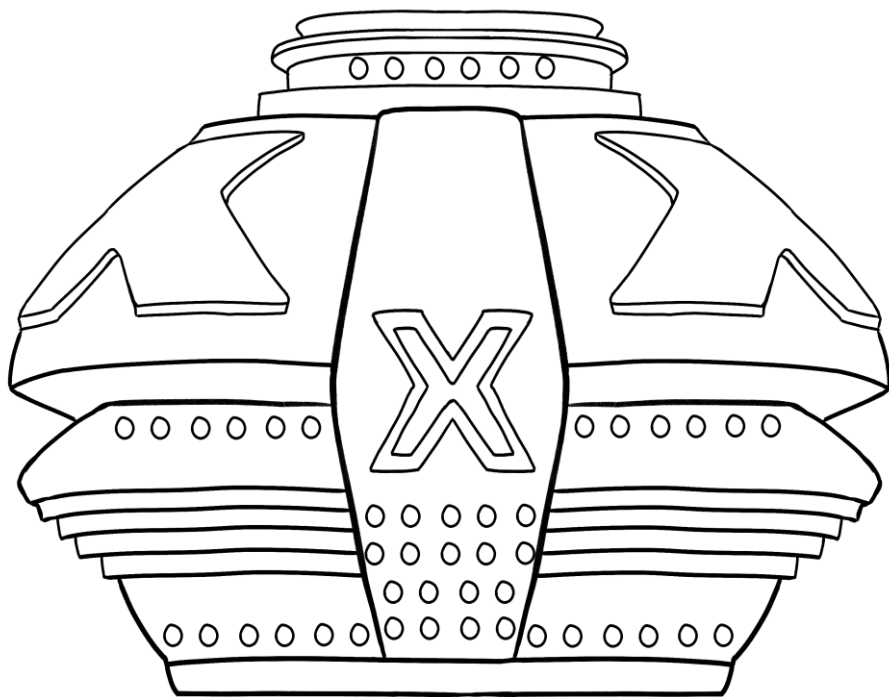
crianças que frequentavam projetos sociais na minha comunidade. E a minha mãe era uma pessoa muito explosiva. Se eu chegasse em casa dizendo que um menino na rua tinha me batido, ela *rodava a baiana* e ia na casa da mãe do menino, e já viu: estava instaurada a desordem. E isso, de certa maneira, me deixava recluso. Eu sempre tentava não transparecer em casa que eu estava mal. Eu sempre tentava ficar calado sobre as coisas que era pra não gerar briga entre a minha mãe e as mães dos meus coleguinhas.

Uma vez eu fiz, a meu contragosto, o Romeu, de Shakespeare, no projeto de teatro da comunidade. Sim, eles recriavam clássicos da Literatura e nós, crianças do projeto, aspirantes a artistas, ou apenas pessoas em situação de “vulnerabilidade social”, como eu os ouvia dizer, dávamos vida aos personagens das tramas escolhidas. Romeu e Julieta era uma trama perfeita pra mim; tinham nuances, cenas com dramas — e eu amava um drama, de tão performática que eu era. Mas tinha uma problemática. Talvez um dos maiores entraves de minha vida: eu não queria morrer com a promessa de ser feliz pra sempre com uma menina. Isso não.

Eu não queria.



XUXA RAINHA E O RESTO É NADINHA



Pinte a ilustração de Danilo Miranda

A família da minha mãe sempre foi muito católica. A minha vó era interveniente de Maria. Foi ministra da eucaristia. A minha mãe é da época do início da fundação do Shalom em Fortaleza. E eu. Eu fui batizado. Fiz comunhão. Me crismei. Tudo o que era de grupo de igreja eu ia. Eu vivia na igreja, porque era a única coisa que eu via e eu achava aquilo maravilhoso. Mas, se

tinha uma coisa que eu amava além de todas essas outras coisas da igreja era assistir ao Xou da Xuxa. Era demais. Depois foi que eu vim descobrir com o tempo...

Desde criança eu era muito, mas muito fã da Xuxa. Eu era o tipo de criança que parava na frente da televisão e ficava vendo a Xuxa sem piscar. Era como uma droga. As pessoas da rua lá de casa me chamavam de Xuxa, porque eu era muito alucinado por ela. Às vezes eu fico pensando, tentando lembrar da minha infância e algumas fotografias vem à minha mente. O formato da televisão da época da minha vó, por exemplo. É uma coisa que eu nunca esqueço. Era aquela televisão grande de madeira. Gente, a televisão parecia um painel de controle com muitos botões. E aquele espelho grosso acoplado na madeira retangular? Era a caixa de luz colorida que falava. Como pesavam as televisões de antigamente. Talvez, suas transmissões fossem carregadas demais. Mas aquele mundo de cores, tudo era muito inocente pra mim. E talvez eu fosse.

O Xou da Xuxa era um programa de auditório todo ambientalizado em analogia a algum universo paralelo divertido. Parecia um sonho, sei lá, um Parque de diversões, sabe. Um planeta onde só tinha crianças e criaturas mágicas e brinquedos. Muitos brinquedos. A Xuxa chegava em sua nave espacial reluzente, abrilhantada, colorida e

I M E N S A

Meu sonho era viajar nessa nave. E quando ela chegava era recepcionada por milhares de crianças. Pra mim, parecia um mundo só delas. — Aaaah, todos aqueles figurinos... Eram todos muito incríveis. Tudo na verdade era incrível no programa: as coreografias, as músicas, as brincadeiras... Era cada brincadeira. Tinha umas crianças que ligavam e participavam. E, tipo, aqui em casa tinha telefone. E meu sonho era participar pelo telefone. Mas nunca me deixaram ligar.

Era tudo muito espontâneo no programa. Na verdade, hoje fico pensando comigo: aquele programa era pensado tanto para as crianças, como para os adultos. Tinha muita coisa subentendida, sabe. Mas bem pudera, a televisão estava se popularizando, era o entretenimento da massa, eles tinham que fazer alguma coisa que servisse tanto pra a criança, como para o adulto que “pastorava” a criança. Eu penso assim. A Xuxa era uma espécie de *drag queen* sexy e rainha dos baixinhos, com todos aqueles paetês, brilhos acetinados e maquiagens e cabelos diferentes... Era muita cor. Talvez tenha um pouco dela em mim, hoje. Talvez eu seja um adulto viado semeado e regado pela Xuxa dos anos 80. Talvez... E isso foi incrível.

Aain, e quando começava *She-Ra*. Ela era uma das personagens mais emblemáticas da programação infantil da TV dos anos 1980, querida. *She-Ra* era uma heroína *babadeira* de vinte anos, tinha uma cintura fina, feições de supermodelo, meu amor, e usa uma roupa com decote generoso e uma saia curtíssima. E eu a amava. Adorava aquele cabelo louro. Que daí já me lembro da própria Xuxa e das suas paquitas. Todas maravilhosas. Aqueles chapéus franjados. *Looks* com botas pretas. Todas aquelas coisas de meninas. Chorei horrores quando elas se despediram. Assim, porque saía as velhas, vinte e poucos anos, e entrava umas novas de doze, treze anos... Menina, era um *reality show* a escolha dessas gatas, viu. Era muito divertido assistir ao Xow da Xuxa.

Teve uma vez que eu peguei *uns* isopor que estava junto com umas caixas lá de algum eletrodoméstico comprado. Eu peguei cola, *uns* papel... Lembro de ter aperreado vovó por umas penas amarelas. Eu estava determinado: eu ia criar o meu próprio microfone da Xuxa. Passei o dia todo construindo o meu microfone. E eu, na minha mente de criança, queria que ficasse igual. Mas ele tinha muito detalhe: ele era meio que uma pirâmide esticada, retangular, branco, com um rostinho quadrado e dois pompons feitos de penas amarelas. Era um palhacinho. E eu queria um igual. E ele ficou lindo. Isso eu tinha seis ou sete anos. Nessa época eu já brincava de fazer o

Xou da Xuxa lá na sala de casa. E eu queria um microfone para o show. Eu era uma criança muito Xuxa.

O meu disco favorito era o Xou da Xuxa 4. A capa dele é a Xuxa maravilhosa dentro de uma piscina. Ele foi lançado em 11 de julho de 1989. Esse LP foi o quarto disco da coleção Xou da Xuxa, que ao total são sete. E, assim, eu ouvia todo dia. Ela já começava com a minha música preferida:

Todo mundo tá feliz?

Tá feliz!

Todo mundo quer dançar?

Quer dançar!

Todo mundo pede bis

Todo mundo pede bis

Quando para de tocar

Mais um! Mais um!

Eu ficava louca em casa. Tocava todos os dias nas alturas. Mas daí, um belo dia, esse disco simplesmente sumiu. Desapareceu. Um dia eu voltei da escola e fui procurar ele na estante e ele não estava mais lá. Desespere. Eu fui à casa de todos os meus vizinhos, de porta em porta, chorando, perguntando se alguém tinha visto o meu disco. Mas nada. Ele tinha realmente sumido. Um tempo depois foi que eu descobri que o meu pai pegou,

quebrou e depois jogou o disco fora. Segundo ele, o disco “tocava demais lá em casa”.

*ver o vídeo Xou da Xuxa - setembro de 1986 (parte 1) no YouTube

TERCEIRA SÉRIE

Ele era de São Paulo,

um menino diferente dos outros garotos. Simpático, falante. Eu tinha vontade de beijar ele a todo o momento. Quando eu sentia o vento que saía da boca dele quando a gente conversava, era como se aquilo me transpassasse e me arrebatasse dali. Aquilo mexia muito comigo. Mas nunca disse nada. Mas sempre ficava muito perto dele. A verdade é que eu sempre fui apaixonado por todos eles: os meninos da Terceira Série. Aliás, só em estar perto deles já bastava. Todas as minhas paixões da escola foram assim. Meu amor, as minhas paixões por meninos eram assim: era só ficar perto que eu já me realizava. Porque eu trabalhava o meu imaginário. Então, eu parado, falando com ele, eu estava ali apenas fisicamente, mas, no meu imaginário, eu estava alucinando coisas, eu me via casando de véu e grinalda, eu me via de barrigão, eu me via numa cama, ou andando de mãos dadas com ele pela rua...

As minhas paixões platônicas pelos meninos da Terceira Série sempre foram muito imaginárias.



BANHEIRO

O banheiro é o único lugar em uma casa onde você pode se despir por completo. Digo, é um lugar onde os corpos deleitam-se em nudez, dando espaço para a transbordada corrente de água que purifica o corpo e a alma. Sim. O banho é algo extremamente libertador. A verdade é que o banheiro carrega consigo uma discrição inabalável. Um local útil na casa onde as necessidades fisiológicas humanas são feitas. Um lugar individual. Privado. Mas, acima de tudo, um lugar extremamente libidinoso.

O “prazer em suas mãos” ou até um solitário prazer. Quando a criança descobre o deleite do tocar-se, aflora-se nela uma incansável vontade de se masturbar. E, na maioria das vezes, é no banheiro que isso acontece. Lá, alheio ao mundo, porta trancada e água corrente, a mão ensaboa o corpo em coreografadas fricções que, além de limpar, dá prazer. A pele é o maior órgão sexual, você sabia? A espuma aromatizada do sabonete barato se mistura à dosagem lactante lançada à cuspes em pulsos no ápice da excitação. Quem nunca se masturbou no banheiro?

A verdade é que o banheiro sempre foi um ótimo guarda-segredos. Um lugar silencioso onde tudo se pode confiar. Lá em

casa não se podia tomar banho junto. Para se ter uma ideia, nem perambular pela casa sem camisa podia. O corpo deveria estar sempre coberto. Preso. Longe do deleite. Éramos muito religiosos. E a minha mãe sempre acreditou que o sexo era uma coisa de casal, *duo*, e tudo aconteceria só depois do casamento. Logo, eu só saberia de sexo depois de me casar. O que até hoje não aconteceu. Ainda não casei. Mas já sei transar...

Na escola, terceira ou quarta série, o banheiro era ponto de encontro dos meninos no recreio. Eu não sabia o porquê, e muito menos como chegamos a esses encontros matinais no sigiloso lugar: o banheiro. Mas eu lembro que lá era um antro de descobertas do “em segredo”. Todos que estivessem presentes tinham que participar. Era uma lei irrevogável. O sinal tocava, eu corria e ia merendar, e depois, faltando cerca de cinco minutos para o término do recreio, lá estava eu no banheiro masculino. Eu e mais cinco meninos de mesma idade. Tocando-se em deleites. Algumas vezes nos esfregávamos uns nos outros. Tudo era muito rápido. Nem tirávamos a roupa, nem nada. Passados os cinco minutos, íamos para a sala de aula. Nada tinha acontecido. E, no outro dia, íamos de novo. Nem sempre os mesmos, nem sempre os cinco. Mas sempre no banheiro da escola.

Com o tempo, quatorze ou quinze anos, percebi que o banheiro era um lugar que despertava libido em mim. Um ambiente

despido. O único lugar aonde os homens grandes iam, sacavam o seu pênis para fora e mijavam. Sim. O banheiro, acima de qualquer libido, é um lugar onde as necessidades são saciadas. E tudo era necessidade ali.

Ainda lembro da minha primeira vez. Eu estava apertado. Centro da cidade. Eu morava próximo a uma feira semanal de frutas. Tinha muitos garotos ajudando os pais nessa feira. Tinha muitos homens na feira. Entrei no banheiro e me direcionei para o mictório. Tratava-se de um banheiro coletivo. De rua. Todos usavam. Era mijo fluvial. Entrando no banheiro, botei o meu pequeno pênis para fora. Ainda sem pelo. Liso. Era moleque ainda. E, antes de dar a largada na *mijadeira*, entra um segundo rapaz. Seus dezenove, ou vinte anos. Encostou próximo a mim, e já em seguida sacou a sua genitália. Era grande, branca roseada, cingida por pelos pubianos em preto. Não tinha como não ver. Estávamos próximos. Mesmo chegando depois de mim, ele começou a urinar primeiro que eu. Não sei, mas é que até hoje tenho dificuldade de mijar com alguém vendo. Mas ele não.

Confesso que por vezes o mirei enquanto fazia o serviço. Durou cerca de quarenta segundos a *mijadeira*. Eu e ele, sozinhos no banheiro. Na ocasião, não pude deixar de perceber o seu pênis tomar forma, crescendo entre a sua mão. Grosso e cada vez maior, ele pulsava. Aos balanços, na tentativa de secar o mijo, o

rapaz intercalava o olhar entre os meus olhos e o pênis endurecido dele. Parecia um convite. Sei lá. Um “quer segurar também?”. Não durou mais que dois minutos. Me concentrei e consegui mijar. Sai logo em seguida.

Banheirão. É esse o nome. Descobri um tempinho depois, conversando com os meus amigos. O banheirão é uma prática sexual comum entre os homens, sendo eles assumidamente gays ou não. É quando você frequenta banheiros públicos que geralmente possuem um fluxo de pessoas e que seja configurado por uma geografia propícia para o ato. Sim. Me parece que era estratégico ir ao banheiro observar os pênis dos mais velhos. Fui por várias vezes: rodoviária, shopping, shows, na feira. Todos os lugares eram propícios. Todos tinham libido. Tudo em discrição. Sem diálogo. Era apenas eu; os transeuntes assíduos e o banheiro escondido.

*recomenda-se assistir ao documentário gay “Tá” no YouTube

“A GENTE ACEITA O AMOR QUE ACHA QUE MERECE”

Quando eu era criança, qualquer pessoa que demonstrasse o interesse por mim, eu achava que ia suprir uma carência que eu tinha. No início, eu imaginei que fosse isso, mas quando começou a putaria no quarto, eu já fiquei tipo “hãhã, eca, não vai ser com esse cara. Quero ir embora”.

Acho que era Roberto o nome dele. Não sei. Eu não vou mentir que hoje eu olho pra ele e acho ele uma pessoa feia. Mas, levando em consideração que eu já tinha sido rejeitado por todo mundo, eu acho que eu era um pouco menos exigente quando eu era criança. Até porque eu me achava uma criança muito feia. Eu já tinha ouvido de tantas formas que eu era uma criança feia, que eu não merecia viver, que eu era a escória da sociedade... Que eu demorei anos para me olhar no espelho e realmente apreciar a imagem que refletia. Pensava comigo: quando eu morar sozinho, eu finalmente poderei adornar a imagem que via ao espelho da forma que eu queria a fim de maximizar o efeito dela.

Ele entrou de carro em uma garagem, estava meio escuro, já era noite. O evento na escola terminou tarde. Era uma

comemoração, e a minha mãe pediu pra ele me dar uma carona. O percurso antes de chegar à garagem fora todo feito de silêncios. Havia notado que se tratava de um desvio, que aquele não era o caminho de minha casa. Questionamento este que fora confirmado por ele mais à frente — inquietude. Às vezes, o percebia me olhando pelo retrovisor, sempre muito calmo, como de costume. Afinal, era um dos professores mais tranquilos da escola, e talvez por isso a minha mãe confiasse a ele o meu retorno em segurança para casa.

Era uma garagem escura. Ele me falou que tinha que pegar umas coisas que ficaram na casa antiga. Porque, na verdade, ele vive com a esposa dele em outra casa, mas antes ele morava sozinho nessa casa lá. Não entendi direito, mas acho que era isso.

A gente entrou pela porta de acesso a casa pela garagem. A mesma porta dava em uma cozinha com uma sala conjugada. Da cozinha, já se podia ver os dois quartos, um de frente para o outro. A cozinha era como uma sala de controle geral: dava acesso a todos os cômodos. O quarto em frente à cozinha era o dele. Então, guiados por uma incidência de luz, entramos.

No quarto, encostado na parede à frente, havia uma cama de casal grande meio desarrumada, e do outro lado uma mesinha que dava lugar a uma televisão. Tinha um armário no canto, talvez, eu não me recordo muito bem, estava escuro. A única

luz presente na casa era o RGB estourado da televisão. Sentamos na cama. Ele mudou de canal e ficou procurando algo de interessante para colocar, talvez quisesse me entreter enquanto buscava as tais coisas esquecidas naquela casa visualmente desabitada.

Eu estava usando uma calça *jeans*, calçado com o meu *All Star*, e vestindo uma camisa preta. Preta não, azul marinho. Ela tinha uma logo bem visível na frente. Ela desapareceu. Essa blusa, nunca mais eu vi. A calça *jeans* era da *Colcci*, ela ficou comigo por muitos anos. Talvez não tenha transferido o trauma para a calça por gostar muito dela. Já a blusa...

Durante a busca por entretenimento, ele, já inquieto, senta ao meu lado e escolhe um filme. Sim, era um filme pornô. Confesso que, aos doze anos, não me lembro de ter visto filmes pornô com um objetivo tão específico como o dele: pôr em prática. Na verdade, não me lembro de parar para ver um filme pornô por razão alguma.

Ele me beijou. Devolvi. Ele começou a me tocar o corpo. Não resisti. O fiz parar. Disse que não ia rolar. Disse que era virgem. Ele gostou. Propôs ser aquela a minha primeira vez... Lembrei-me da Bíblia. Lembrei-me do pecado da carne. Podia escutar o meu pai falando em alto e bom som “*Homossexualismo é pecado. É doença. Aquele que fere a vontade do Senhor irá queimar no inferno*”. Não deu. Não podia me entregar às

chamas do inferno por um cara escroto que só queria me *f*der*. Logo eu, uma princesa romântica — eu ainda acreditava no amor. Fui intransigente. Não aceitei o que me fora dado. Mesmo em falta, pedi para que ele me levasse embora.

Nunca mais falei com ele.

Se você pudesse fazer uma ligação para você mesmo quando criança o que você falaria?



Imagem reprodução internet

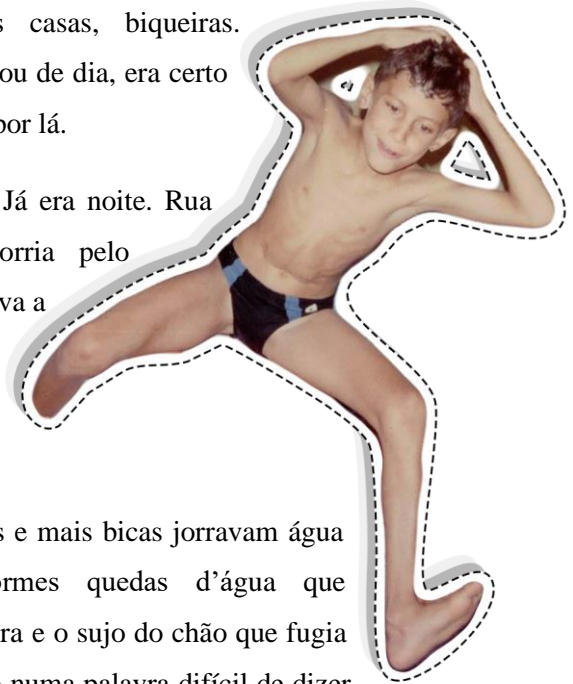
BANHO DE CHUVA

Era uma verdadeira festa. Até hoje eu adoro muito o inverno. Porque eu morava muito próximo da rua grande, e lá tinha muitas casas e nessas casas, biqueiras. Quando chovia, de noite ou de dia, era certo ir tomar banho de chuva por lá.

Neste dia chovia muito. Já era noite. Rua deserta. Só a água corria pelo acostamento que desenhava a calçada que definia o limite da estrada de pedras.

Nessa rua histórica, bicas e mais bicas jorravam água sem parar. Eram enormes quedas d'água que espumava ao tocar a poeira e o sujo do chão que fugia os paralelepípedos. Pense numa palavra difícil de dizer quando se é criança! E eu estava lá, tomando banho de chuva, quando ele apareceu.

Ela era o menino de quem eu gostava. Ele tinha nove anos que nem eu. Estávamos encharcados pela água da chuva — eufóricos. Foi quando ele se aproximou e quis dividir a bica



comigo. Eu estava na bica *master*, vulgo, a maior das bicas da rua. Consenti. Então ele se aproximou e em seguida me abraçou; beijou o meu pescoço e disse o quanto gostava de mim. Éramos melhores amigos. Foi muito mágico.

Essa é uma das coisas de criança das quais até hoje não esqueço. Por vezes, vejo a chuva e vem o desejo de ficar em baixo da bica, sabe, pra ver se sinto o amor que senti daquela noite mais uma vez.

EU GOSTO DA COR AZUL

Desde a minha infância, eu sempre fui uma pessoa muito sozinha. No entanto eu tinha muitos brinquedos. A verdade era que eu tinha tudo mesmo sendo uma criança pobre de periferia. Eu tinha tudo o que eu desejava. É tanto que o meu apelido no colégio era riquinho, isso mesmo, por causa do personagem do desenho animado de mesmo nome. Mesmo assim, eu era uma criança muito sozinha. Apesar da rua onde eu morava ter muitas crianças da minha idade, a maioria delas era meninas. Então, já dá pra imaginar, eu ia e brincava de bonecas, de casinha, comidinhas, mas as mães das meninas não gostavam. Elas diziam que menino brinca com menino, e menina brinca com menina. Teve até uma vez que uma delas pegou a gente brincando e me colocou para ir embora de lá. Eu tinha uns seis anos. Deu em nada. A gente brincava escondido.

A verdade era que eu não sabia que nós tínhamos o sexo masculino e feminino. Para mim, todo mundo era o mesmo gênero. Não que eu soubesse o que era gênero, mas era como se não existisse separação, sabe, a mulher com a genitália feminina, e o homem com a masculina. Eu pensava que o que eu tinha como órgão sexual (eu ainda nem usava tal vocabulário) servia apenas pra urinar. Tanto que, na época, a gente também brincava de casinha e de médico, mas era sem

maldade, e a gente se abraçava, dava selinho, mas nada sexualizado. Para mim, era tudo muito automático. Normal.

Eu nunca tive um diálogo com a minha família. Mas a minha vizinhança toda sabia. Acho que eles sabiam até primeiro que eu. Às vezes fico pensando, sempre estive condenado a ser, afinal, todos já me viam como. Até meus onze anos, eu tomava banho de short. Ninguém via ninguém nu lá em casa. Nunca. Nem sem camisa. Lá em casa todos andavam vestidos sempre. Sempre cresci com a ideia de que a nudez era algo pecaminoso. Os meus pais sempre serviram piamente aos mandamentos da igreja. E eu também.

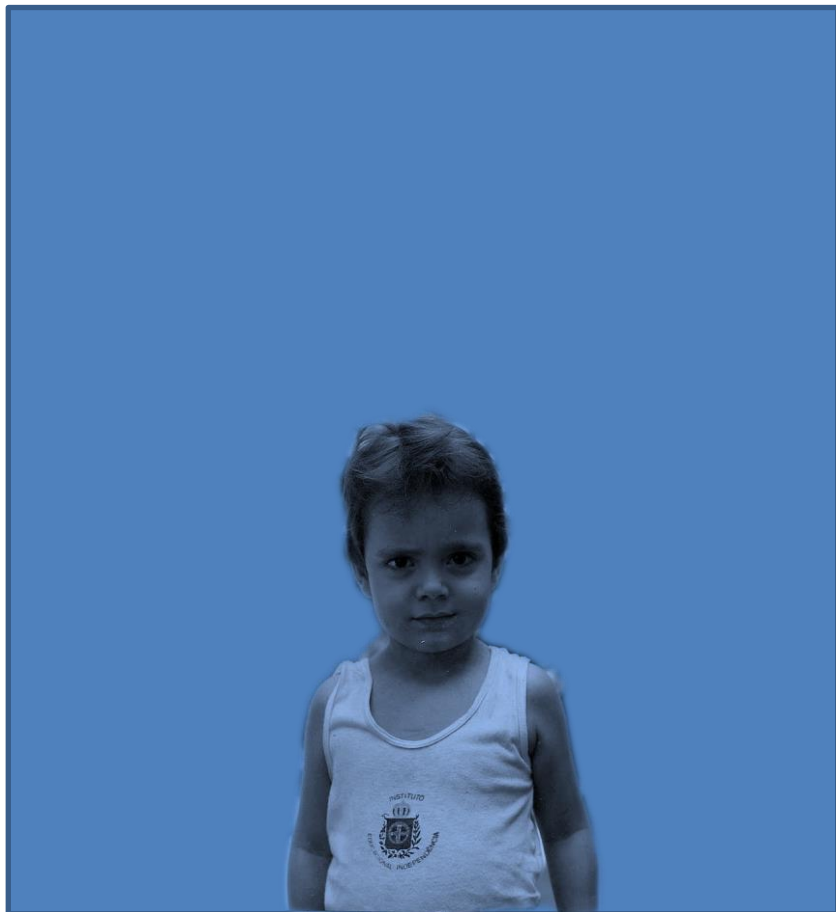
Sempre tive muitas amigas. Nunca gostei de brincar com meninos. Jogar bola? O máximo que eu ficava era no gol. E já viu, né, era bolada o tempo todo. Sempre fui travado para ter amizade com homens. Tinha medo dos meninos. Eles brincavam de bater. Brincadeiras de força corporal. E eu sempre fui muito fraquinho. Pouquinho. Eu era uma menina disfarçada no corpo de menino. Às vezes, esse era o meu pensamento. Já me vi pensando que até as minhas amigas daquela época achavam que eu também era uma menina como elas. Só que diferente.

Por sempre andar com as meninas, os meninos na escola faziam muita chacota comigo. “Olha a menininha. Olha, ele tem andado de menina. Sabe nem correr. Corre como menina”. Eu

ouvi muito isso: seja como homem, se comporte como homem. Isso era frequente no colégio. Eu estudava na mesma escola que o meu irmão mais velho. Lembro que os amigos deles me paravam e perguntavam: tu és masculino ou feminino? E eu, sem entender nada, dizia que era feminino. Eles riam de mim, e meu irmão não dizia nada. Talvez ele nem entendesse exatamente do que se tratava. Ele me defendia muito em casa. Porque lá em casa era assim: se você apanha na rua, apanha mais quando chegar em casa. Então, quando eu apanhava em casa, ele me defendia.

Até que uma vez — eu tinha em torno de dez a doze anos, não me recordo ao certo —, mexendo nas coisas da minha irmã, eu achei uma revista. Era *Atrevida*, acho. Enfim, uma revista dessas de adolescentes. Nessa revista tinha uma foto do Zezé di Camargo com a Zilu. Ele estava de sunga e ela de biquíni. Eu lembro que fiquei observando a foto por um tempo. E quando percebi, eu já estava excitado. E nem sabia o que era isso exatamente — estar excitado. Foi então que percebi que a minha atração era por ele, pelo Zezé, e não por ela.

Foi aí que eu descobri de mim. Que gostava da cor azul.



ARMÁRIO

Como é ter um filho gay? Quando o filho nasce, que o pegamos no colo e tiramos o peito de fora, é uma coisa emocionante. Você vê o primeiro dente, a primeira febre, os primeiros passos... Tudo é mágico. Tudo é novo. O primeiro dia de aula. A luta consigo mesma e a paciência que você tem para convencer seu filho de que vai ser legal ir à escola, que lá ele fará os seus primeiros amiguinhos...

Tudo vai se enquadrando. Se encaminhando. Começa a dar voz, e seus gostos, sua maneira de andar, de se vestir, é como se ele criasse o seu mundo cor de rosa só para si.

Você começa a se preocupar: por que do interesse pelo seu batom? O vestido da irmã, que ele já veste automaticamente. Sem medo. Mas você deixa passar. Faz de conta que não viu. Não se torna importante. Daí ele cresce, vem as fofquinhas do colégio, as ironias dos coleguinhos. Você vai ao colégio, chama a atenção da direção, procura entender os “porquês”, mas, no fim, tudo parece que tá bem.

Chega à adolescência, que pra mim foi o pior. Pior porque é a certeza que você não quer enxergar. Com a adolescência vêm os

amigos dele, que também tem o mesmo comportamento do seu filho, sabe, que também fala a língua dele. Daí você se apavora.

Mãe não tem vergonha do seu filho ser gay. Mãe tem medo do mundo, tem medo de que alguém machuque seu filho. Mãe sabe que o preconceito existe e que seu filho não está seguro nesse mundo de pessoas que não querem admitir que ser gay não é uma opção. Não. Você já nasce gay.

Para uma mãe admitir que seu filho é gay, ela tem que ter muita coragem e muita fé. Ela tem que ser forte, pra tudo. Só o amor não basta. Ela tem que estar inteira e completa. Se é difícil? Claro que é. Mas se você não respeitar, quem vai? Se você não tentar entender, quem vai entender?

Os filhos são as coisas mais importantes na vida de uma Mãe. Os filhos são nossa continuação. Deixa-se um marido, um amigo, um amor, mas não se deixa um filho. Nunca!

Escolhemos ter filhos, de uma forma ou de outra, e algumas vezes até tentamos traçar os seus rumos, mas nunca sua sexualidade.

Eu me chamo Sissi Machado, tenho 50 anos, e tenho um filho gay, e tenho o maior orgulho e respeito pelo meu filho, e agradeço à Deus todos os dias por estar com ele.

* *“tu tens o andado de tua mãe”,* eles dizem.





E tantas outras crônicas que não couberam aqui.
Indizíveis ainda.

